

UNIVERSIDADE FEEVALE

RÉGIS BONDAN

MUSEU DE ARTE DE NOVO HAMBURGO

Novo Hamburgo

2010

RÉGIS BONDAN

MUSEU DE ARTE DE NOVO HAMBURGO

Pesquisa do Trabalho de Final de Graduação de curso, apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade FEEVALE

Professoras:

Alessandra M. do Amaral

Luciana Néri Martins

Novo Hamburgo

2010

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. TEMA E JUSTIFICATIVA

2. METODO DE PESQUISA

3. ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS REGIONAIS

3.1. Novo Hamburgo

3.2. Centro Histórico de Hamburgo Velho

3.3. História Parque Henrique Luís Roessler – Parcão

4. ESTUDO URBANO DAS IMEDIAÇÕES DO PARCÃO

4.1. Análise do Sistema Viário

4.2. Levantamento Fotográfico

4.3. Análise Hidrográfica

4.4. Análise de Uso do Solo

4.5. Proposta de Revitalização – Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo

4.5.1. Equipamentos

4.6. Proposta de Inserção do Museu

4.7. Justificativa da Escolha

5. TERRENO

5.1. Situação/Localização

5.2. Índices do Plano Diretor

6. PRINCIPAIS MUSEUS E ACERVOS DO VALE DOS SINOS

7. CONCEITUAÇÃO DE MUSEU

7.1. O Museu como organismo extraordinário

7.1.1. Museu x Tipologia

7.1.2. Museu, O Objeto Minimalista

7.1.3. Circulação

8. PROJETOS REFERENCIAIS

8.1. Museu da Memória e dos Direitos Humanos

8.1.1. Tabelas Áreas

8.2. Museu de Arte Contemporânea

8.2.1. Tabelas Áreas

8.3. Museu Iberê Camargo

8.3.1. Tabelas Áreas

8.3.2. Aspectos Tecnológicos

8.4. Museu de Arte Latino Americana

8.4.1. Tabelas Áreas

9. PROGRAMA DE NECESSIDADES

9.1. Setor Privado

9.2. Setor Público

9.3. Setor Público-Privado

9.4. Tabela Programa de Necessidades

9.5. Organograma Programa de Necessidades

9.6 Indices do Plano Diretor aplicados a área do Museu

10. CONDICIONANTES MUSEOLÓGICOS

10.1. Fatores Nocivos às Obras

10.1.1. Luz

10.1.2. Temperatura

10.1.3. Umidade

10.1.4. Poluição

11. ACERVO DE ARTE DE NOVO HAMBURGO

11.1. Principais Artistas de Novo Hamburgo

11.1.1. Marciano Schmitz

11.1.2. Ernest Frederico Scheffel

11.1.3. Mai Bavoso

CONCLUSÃO

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APÊNDICE A - Mapa de Renda por Habitante de Novo Hamburgo

ANEXO 1 - Reportagem Jornal NH sobre negociações no Parcão

ANEXO 2 - Reportagem Jornal NH sobre negociações no Parcão

“Nos fugazes momentos em que o futuro chega ao presente, às vezes é mais fácil se entregar à corrente dos acontecimentos como se fosse um velho e conhecido filme do que tentar entender como ele pode ser tão surpreendentemente. (KIEFER, 2008)

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste na coleta de dados e informações para a implantação de um Museu de Arte em Novo Hamburgo, mais especificamente no Parque Henrique Luís Roessler (o Parcão), buscando soluções, diretrizes arquitetônicas e museológicas, chegando a um segmento conceitual de museu, para que assim possa se desenvolver um programa de necessidades e uma concepção formal para a elaboração plena de um projeto arquitetônico de trabalho final de graduação do curso de arquitetura e urbanismo.

A pesquisa estudará a evolução histórica e urbana do parque e suas imediações, assim como suas mudanças e paradigmas, e a verdadeira importância do parque para cidade. Do mesmo modo busca-se desenvolver estratégias de inserção na área, e entender como o projeto deverá ser absorvido pelo público local e a cidade, procurando identificar a busca de equipamentos culturais e sua ligação com Novo Hamburgo, e chegando assim a viabilidade do projeto, além disso, será analisado o novo zoneamento para o Parcão em Novo Hamburgo desenvolvido pela Prefeitura da cidade, que é responsável pelo Plano Diretor para o parque, com novas diretrizes urbanísticas, novos programas de atividades culturais, novos usos, setores, equipamentos urbanos e áreas de preservação ambiental, em uma área antes abandonada e sem uso, porém com um rico valor histórico para o município.

1. TEMA E JUSTIFICATIVA

O propósito do tema é desenvolver um Museu de Arte no Parque Henrique Roessler, popularmente conhecido como “Parcão”, na cidade de Novo Hamburgo. Pretendendo-se transformar o museu em um novo marco para a cidade e contribuindo para a revitalização da área que apresenta grande importância histórica e cultural. Além disso, o parque apresenta a maior área verde inserida no meio urbano da cidade.

Criado em 1990 com a intenção de suprir a falta de áreas verdes e de lazer na cidade, o Parcão tem por objetivo servir como um local de preservação e educação ambiental destinado à população de Novo Hamburgo.

O Parque Municipal Henrique Luís Roessler, possui ligação direta com o bairro Hamburgo Velho. A área que hoje abriga a Unidade de Conservação era denominada de “Campo dos Schimitt”, por pertencer ao Sr. João Pedro Schimitt, considerado fundador da cidade de Novo Hamburgo.

Segundo Ernesto Frederico Scheffel, pintor, escultor e músico de reconhecimento internacional, morador de Hamburgo Velho e fundador do “Movimento de Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico” na década de 1980, a área servia como um ponto de encontro tradicional entre as famílias da região. Durante a semana de Páscoa, as famílias se deslocavam para o local para piqueniques e passavam tardes agradáveis, bebendo água da fonte, descansando na sombra e colhendo barba de pau e marcela, conta E.F.Scheffel.

Hoje a área, apesar de uma infra-estrutura básica encontra-se degradada, porém existe um novo plano para revitalização da mesma. Este zoneamento contemplará uma infra-estrutura mais requintada com ciclovias e trajetos para caminhadas, além de edificações com intuito de educação ambiental e cultural.

A proposta de inserção de um Museu de arte neste local contribuirá para a devida valorização cultural do parque e também para a cidade de Novo Hamburgo assim como para artistas da região que apresentam um acervo de arte em crescente desenvolvimento (PMNH, 2010 a).

2. MÉTODO DE PESQUISA

Esta monografia foi desenvolvida basicamente através de pesquisa bibliográfica, estudos de caso, análises fotográficas e pesquisas na WEB no período compreendido entre agosto a dezembro de 2010, quando se realizou a Pesquisa do Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, na Universidade Feevale. A pesquisa começa com um estudo histórico, topográfico e urbanístico da área escolhida para inserção do museu, a partir de documentação criada pela Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo sobre o projeto de revitalização do parque Henrique Luis Roessler de Novo Hamburgo. Este material contém um estudo bem completo em diversas áreas de atuação e é bastante citado nesta pesquisa. Logo após termos os estudos realizados com a revisão bibliográfica, a qual engloba análises sobre funcionamento de museus, programa de necessidades e novas ideologias para os museus do século XXI. Esta análise tem como objetivo o entendimento das modificações sofridas pela instituição museu no século XXI.

Houve também duas pesquisas de campo. A primeira visita foi ao próprio Parcão, onde na ocasião, tornou-se possível o contato com a arquiteta responsável pelo projeto de revitalização do parque Henrique Roessler, a arquiteta Rosaura, que ajudou no entendimento da área de intervenção e legislações específicas. Rosaura também salientou a importância histórica e ambiental do parque para a cidade. Neste dia também foi feito um levantamento fotográfico do entorno e seguido de uma análise sobre o mesmo.

A segunda pesquisa de campo foi feita no Museu de Arquitetura e Design de Buenos Aires, onde foram feitas análises de dimensões, programa de necessidade e análise fotográfica do museu.

As pesquisas na internet foram primeiramente utilizadas para localizar e identificar os principais artistas da região assim como locais para exposições dos acervos dos mais variados estilos. Buscou-se entender brevemente a vida e a história de cada um desses artistas e lugares além de simular possíveis ambientações para o futuro acervo do Museu de Arte de Novo Hamburgo.

E então, com a organização, categorização e análise de todos esses dados coletados e observados, obtém-se uma conclusão descrita pelo autor.

3. ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS REGIONAIS

3.1. Novo Hamburgo

Novo Hamburgo é uma cidade brasileira do estado do Rio Grande do Sul situada no Vale do Rio dos Sinos, a cerca de 40 km da capital Porto Alegre. Compreende uma área territorial de 217 km² e possui uma população estimada em 257.746 habitantes. A cidade é reconhecida nacionalmente como a Capital Nacional do Calçado, tendo como principal economia as indústrias do chamado setor coureiro calçadista, em que além de fábricas de calçados, curtumes, indústrias químicas e acessórios para calçados também contribuem para o mercado local.

A colonização de Novo Hamburgo começa em 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães. Devidos as dificuldades da chegada, esses primeiros imigrantes se dedicaram a uma agricultura de subsistência. Porém superados os primeiros obstáculos esses imigrantes logo encontram na fabricação de artigos manufaturados a vocação da economia local. Segundo Petry (1959, p.8), o florescimento do comércio que impulsionou o desenvolvimento do povoado e, mais tarde na fundação da própria cidade de Novo Hamburgo, tendo origem em um entroncamento de duas importantes estradas:

A antiga estrada comercial e de tropas, do nordeste do Rio Grande do Sul, descia a serra, na zona de Taquara, seguindo pela planície entre a margem direita do Rio dos Sinos e os confratores da Serra Geral, através das regiões que hoje formam os centros de Parobé, Nova Palmeira, Sapiranga e Campo Bom. Após atravessar Hamburgo Velho, dividia-se em dois ramais: um, em rumo sul, entroncava no sistema rodoviário de Porto Alegre; o outro, seguia para oeste, rumo ao Caí, de onde continuavam para o centro, norte e noroeste do Estado. Iniciada a colonização de Dois Irmãos, Herval, etc., a estrada que servia estas colônias, partia, também, de Hamburgo Velho, ficando este povoado, já situado numa via de comunicação importante,

transformando em um ponto privilegiado para instalações de casas comerciais para o intercâmbio de mercadorias entre a serra e a colônia dum lado, como centros de produção agrícola e pastoril e a capital do Estado, do outro lado, como fornecedora de artigos manufaturados. (Petry, 1959, p.8)

Nos anos que seguiram, o mercado continuou crescendo, e o núcleo de Hamburguer Berg continuou ganhando importância, onde em 1875 foi elevado a categoria de distrito de São Leopoldo. Logo em seguida em 1876 foi inaugurada a estrada de ferro que ligava Novo Hamburgo a capital da província, Porto Alegre. Mas foram 24 anos depois que a região de Hamburgo Velho ganhou sua primeira estação de trem, trazendo consigo o crescimento industrial que precisou apenas de duas décadas para desmembrar-se de seu município mãe, São Leopoldo.

Em 1960 a indústria recebe ainda a contribuição da abertura do mercado externo para o seu principal produto, o calçado, tornando Novo Hamburgo como o principal centro comercial e de serviços do Vale dos Sinos. Essa fase de ascensão teve seu fim no início da década de 90 abalada por uma forte crise econômica que de certa forma contribuiu para a diversificação do mercado local. (PMNH,2010 a)

3.2. Centro Histórico de Hamburgo Velho

O centro histórico de Hamburgo velho (CHHV) é o local que deu origem a cidade de Novo Hamburgo. Seu patrimônio histórico hoje conta com 100 prédios históricos datados do início da imigração na cidade em 1823 e também o patrimônio imaterial deixado pelos imigrantes alemães. Hoje o CHHV, como já foi descrito, encontra-se em processo de inscrição e tombamento como sítio histórico junto ao Instituto de Patrimônio histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

Quanto à conservação de seus prédios, devido à construção sem restrições de conservação das características históricas e devido à ligação viária com a parte mais populosa da cidade, a paisagem urbana encontra-se comprometida, embora a paisagem ambiental natural e urbana ainda pode ser considerada muito boa segundo o diagnóstico do CHHV realizado pela Prefeitura de Novo Hamburgo, em

2009. “A excelente arborização do bairro enriquece a paisagem e valoriza os prédios históricos.” (PMNH, 2009 a)

Muitas foram as iniciativas, por parte dos moradores, de preservação do patrimônio do centro histórico de Hamburgo Velho, contando com a liderança do Sr. Ernesto Frederico Scheffel, morador antigo do bairro de Hamburgo Velho e um dos artistas hamburguenses (título conferido pela Câmara de Vereadores de Novo Hamburgo) de maior reconhecimento internacional e grande responsável pela história cultural sul-riograndense.

Entre os prédios de maior destaque no bairro de Hamburgo velho estão:

a) Casa Schmitt-Presser (1836) - Casa em estilo enxaimel, construída por volta do ano 1836 por Johann Peter Schmitt, sendo uma das mais antigas do Estado. A antiga venda funcionava no salão da casa como armazém de secos e molhados, drogaria, armarinho e bar. Em 1920, o prédio foi alugado e abrigou a Padaria Reiss. Edwino Presser, casado com uma neta de Schmitt, reabriu o local como comércio de tecidos e miudezas, que funcionou até 1973. Inteiramente restaurada em 1990, foi transformada no Museu Comunitário Casa Schmitt Presser em 1992.



Figura 3.1. - Casa Schmitt Presser (PMNH, 2010 B)

b) Casa Kayser (1850) - Casa construída através da técnica de enxaimel por volta de 1850. Seus moradores foram fundamentais para sua conservação até os dias de hoje.



Figura 3.2. – Casa Kayser (PMNH, 2010 b)

c) Casa Ody (1850) - Importante exemplar da técnica de enxaimel, construída nas primeiras décadas da chegada dos imigrantes alemães, provavelmente em 1850. A casa foi reconstruída em 2008.



Figura 3.3. – Casa Ody (PMNH, 2010 b)

d) Casa Scheffel (1890) - Casarão em estilo neoclássico, construído em 1890 por Adão Adolfo Schmitt. Originalmente era residência, serviu à comunidade como local de eventos culturais, comércio e até como hospital. Inteiramente restaurado pelo Município, é onde hoje funciona a Fundação Scheffel, que abriga mais de 400 obras de Ernesto Frederico Scheffel, constituindo-se numa das maiores pinacotecas do mundo entre as compostas por obras de um mesmo artista.



Figura 3.4. – Casa Scheffel (PMNH, 2010 b)

O bairro ainda conta com igrejas, cemitérios e muitas residências com elevado valor arquitetônico e cultural.

3.2. História do Parque Henrique Luís Roessler – Parcão

O parque Henrique Luis Roessler diferencia-se por possuir a maior área verde natural localizada na parte central e de Novo Hamburgo, mas também por possuir um importante valor histórico e cultural para a cidade.

Historicamente o Parcão era do Sr. João Pedro Schimitt, imigrante alemão que chegou ao Brasil em 1824 e é considerado um dos fundadores do município. Durante muito tempo o local era freqüentado por famílias que usufruíam da bela paisagem natural para encontros e reuniões incentivadas pela beleza da área.

Já na década de 1980 quando o parque pertencia à empresa Paquetá, que tinha planos de fazer um loteamento no local, foi que deu início a uma série de movimentos de iniciativa pública e privada, além de estudantes da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, que pressionaram a Prefeitura de Novo Hamburgo para fazer um parque no local. E em 1990 após um acordo ente Prefeitura Municipal e a empresa proprietária do local, é finalmente assinada a escritura da área do parque, sendo esse episódio considerado o marco de criação do Parcão. Seu nome é escolhido em homenagem ao pioneiro do movimento ecológico no Brasil, Henrique Luís Roessler. Nos anexos 1 e 2 estão apresentados alguns recortes de jornais que mostram a participação ativa da comunidade hamburguense em prol da preservação do “Campo dos Schimitt”, com realização de eventos e discussões pela preservação e transformação da área em parque público. (PMNH, 2010 b)

4. ESTUDO URBANO DAS IMEDIAÇÕES DO PARCÃO

4.1. Análise do Sistema Viário



Legenda:

- Vias Arteriais
- Vias Coletoras
- Rua Barão de Santo Ângelo
- Area a ser Loteada

Figura 4.1. – Análise do Sistema Viário das Imediações do Parcão

Como podemos observar na figura 4.1 o Parcão está cercado por vias arteriais (grifadas em laranja) importantes para a cidade, como a Avenida Doutor Mauricio Cardoso, responsável por ligar a parte velha com a parte nova da cidade e

também caracteriza-se por possuir umas das maiores rendas por habitantes da cidade segundo o anexo 3 desta pesquisa.

As outras ruas arteriais importantes são a Vitor Hugo Kunz que era o antigo caminho do trem e a Bartolomeo de Gusmão que corta o bairro Canudos, o mais populoso da cidade.

Existe ainda uma área com loteamento já aprovado e obras em andamento. Este loteamento irá mudar um pouco o fluxo viário do entorno do Parcão, pois a rua Oscar Ludwig não será mais interrompida e terá continuidade, ganhando assim uma importância maior. Já a Rua Barão de Santo Ângelo é a rua onde se localiza a entrada principal do Parque e apesar de ser uma via considerada coletora ela tem apresentado um tráfego de veículos intenso principalmente ao se aproximar da Rua Sapiranga.

4.2. Levantamento Fotográfico do Entorno

O levantamento fotográfico começou a ser feito nas ruas do bairro de Hamburgo Velho e se aprofundou na Rua Barão de Santo Ângelo que é a rua de entrada principal do Parque Henrique Luis Roessler e a rua onde será a entrada principal do Museu de Arte de Novo Hamburgo.



Figura 4.2. – Vista da Igreja Católica da Piedade e seu cemitério



Figura 4.3. – Vista da Rua Almiro Lau no bairro de Hamburgo Velho



Figura 4.4. – Vista da Rua Almiro Lau no bairro de Hamburgo Velho



Figura 4.5. – Vista Sul da Rua Almiro Lau



Figura 4.6. – Vista do morro de Dois Irmãos pela Rua Florença



Figura 4.7. – Vista do entroncamento da Av. Mauricio Cardoso com a Rua General Daltro Filho no bairro de Hamburgo Velho.



Figura 4.8. – Vista Norte da rua Barão de Santo Ângelo esquina rua Florença



Figura 4.9. – Vista Sul da rua Barão de Santo Ângelo



Figura 4.10. – Vista Norte da Rua Barão de Santo Ângelo

Podemos notar como esta rua apresenta-se bastante ondulada devido ao acentuado desnível da região.

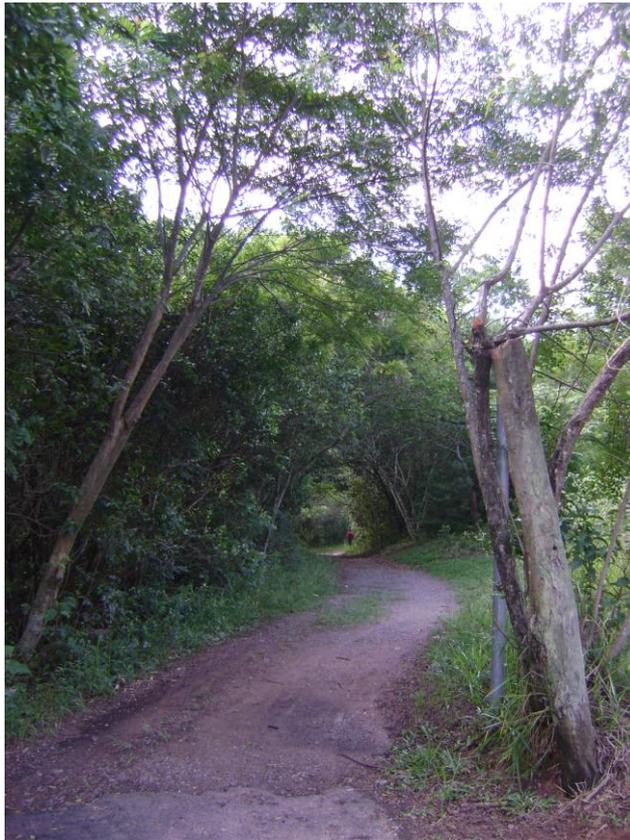


Figura 4.11. – Vieias que cruzam o Parcão

Essas vieias que cruzam o Parcão estão distribuídas por quase toda suas extensão e foram incorporadas no projeto de revitalização.



Figura 4.12. – Lofts na Rua Barão de Santo Ângelo

Em quase toda extensão da Rua Barão de Santo Ângelo, podemos identificar residências de um a dois pavimentos de uma renda alta como vemos no mapa do anexo 3.

Também podemos identificar empreendimentos de tipologias inovadoras para a cidade e para o mercado imobiliário local. É o caso dos Lofts observados na figura 4.12.



Figura 4.13. – Entrada principal Parque Henrique Luis Roesler



Figura 4.14. – Vista da Rua Florensa para o Parcão



Figura 4.15. – Vista da Rua Saporanga

Na figura 4.15 podemos notar a Rua Saporanga com seu tráfego intenso de veículos.



Figura 4.16. – Vista interna do Parcão



Figura 4.17. – Córrego que corta o parque.



Figura 4.18. – Rua Barão de Santo Ângelo ondulada devido a altimetria do local

4.3. Análise Hidrográfica do Local

Como podemos ver na figura 4.13 o Parque Henrique Luis Roessler é todo cortado por pequenos cursos de água que chegam a formar uma pequena lagoa na parte sul do terreno. Esse fluxo de água é vital para o equilíbrio térmico que pode ser sentido ao caminhar pela calçada. Em um dia quente é possível sentir o frescor saindo por entre a vegetação e causando uma sensação térmica ideal. Além de inúmeras possibilidades de usar essa água para contemplação em algum espaço arquitetônico elaborado para isso.

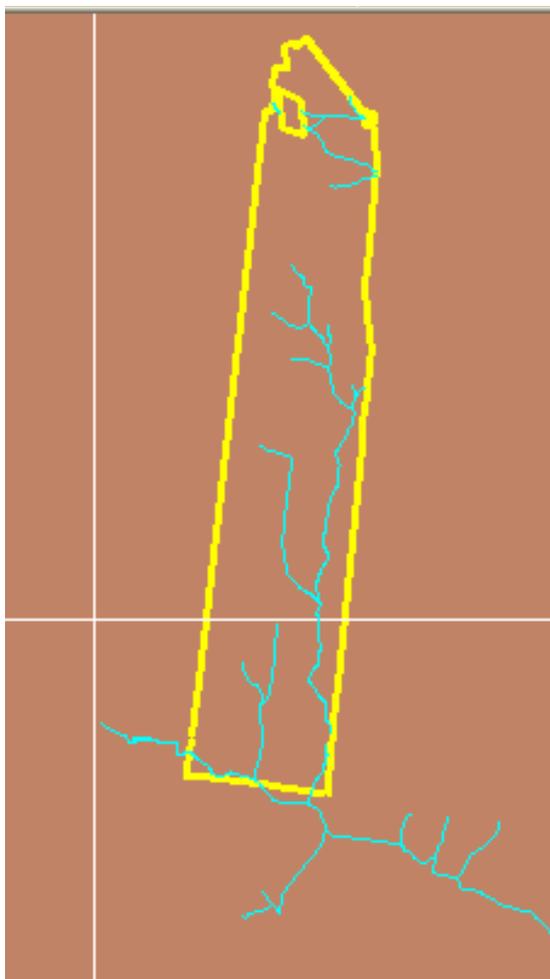


Figura 4.13. – Mapa Hidrográfico do Parque (PMNH, 2010 c)

4.4. Análise de Uso do Solo do Parcão

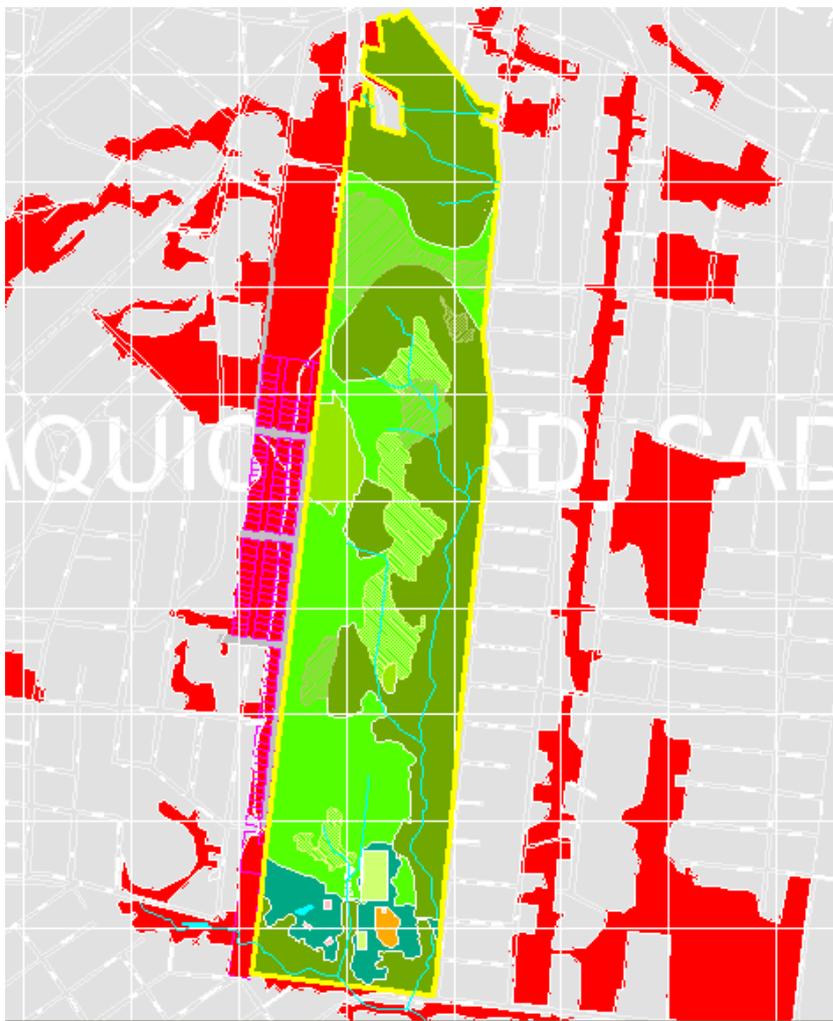


Figura 4.14 – Mapa de Uso do Solo do Parcão de Novo Hamburgo
(Adaptado de PMNH, 2010 c)

Solos do Parcão

| | | | |
|---|---------------------------------------|---|------------------|
|  | Arvores aglomeradas |  | Curso d'água |
|  | Campo de futebol |  | Limite do parque |
|  | Comunidade arbustiva |  | Ruas |
|  | Comunidade campestre |  | Ruas planejadas |
|  | Comunidade florestal madura |  | Loteamento |
|  | Comunidade em Substituição |  | Lagoa |
|  | Comunidade de espécies exóticas | | |
|  | Edificação | | |
|  | Vegetação manejada | | |
|  | Praça | | |
|  | Comunidade vegetal em torno do parque | | |

4.5. Proposta de Revitalização – Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo



Figura 4.16 – Zoneamento Usos (PMNH, 2010 c)

Conforme a classificação feita pela Prefeitura de Novo Hamburgo, seguem a definição das zonas para as diferentes categorias de manejo:

1. Zona de uso restrito:

São zonas que tem como objetivo a pesquisa ambiental e preservação da natureza. Os acessos a estas zonas seriam condicionados ao acompanhamento de um guia e seriam usadas para educação ambiental sendo restrita a construção de qualquer tipo de edificação ou infra-estrutura que fuja deste tema. (PMNH 2010, c)

2. Zona de uso intensivo

Compatibilizar nesta zona atividades de lazer, recreação, turismo e educação ambiental em harmonia com a paisagem, minimizando os possíveis impactos sobre os recursos e belezas naturais do parque. (PMNH 2010, c)

3. Zona de uso extensivo

O objetivo desta zona é incentivar atividades para contemplação ambiental onde estão previstas trilhas para caminhada, ciclovias, áreas para piqueniques, etc. (PMNH 2010, c)

4. Zona de uso especial

Estabelecer nesta zona instalações e edificações necessárias a Administração. (PMNH 2010, c)

4.5.1. Equipamentos

A figura 4.17 mostra o mapa com localização de possível inserção dos equipamentos culturais e de lazer que fazem parte do projeto de revitalização do parque:

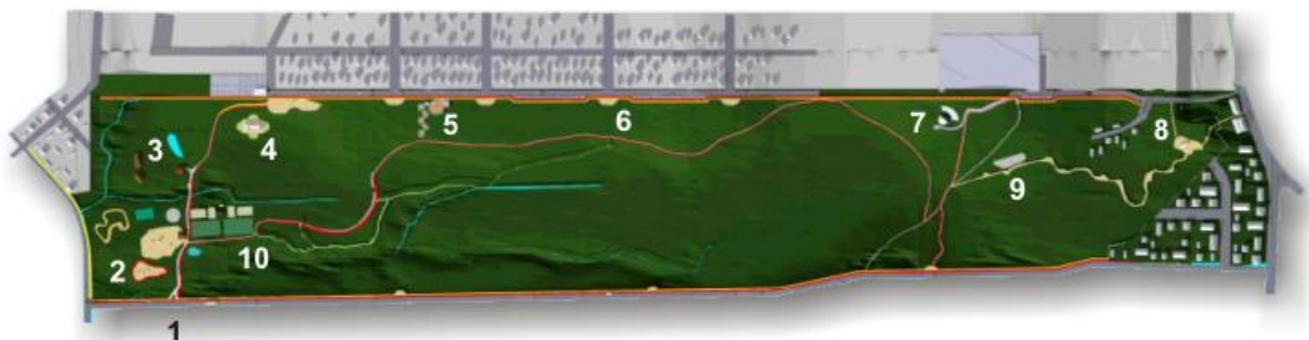


Figura 4.17 – Mapa de Localização de inserção dos equipamentos culturais e lazer. (PMNH, 2010 c)

LEGENDA:

- 1 ACESSO PRINCIPAL
- 2 PLAYGROUND
- 3 ADMINISTRAÇÃO
- 4 CENTRO DE PESQUISA AMBIENTAL
- 5 MIRANTE
- 6 ESTARES PUBLICOS
- 7 ANFITEATRO
- 8 ESPAÇO PARA CAFÉ
- 9 GINASTICA
- 10 POLIESPORTIVAS

4.6. Proposta de Inserção do Museu

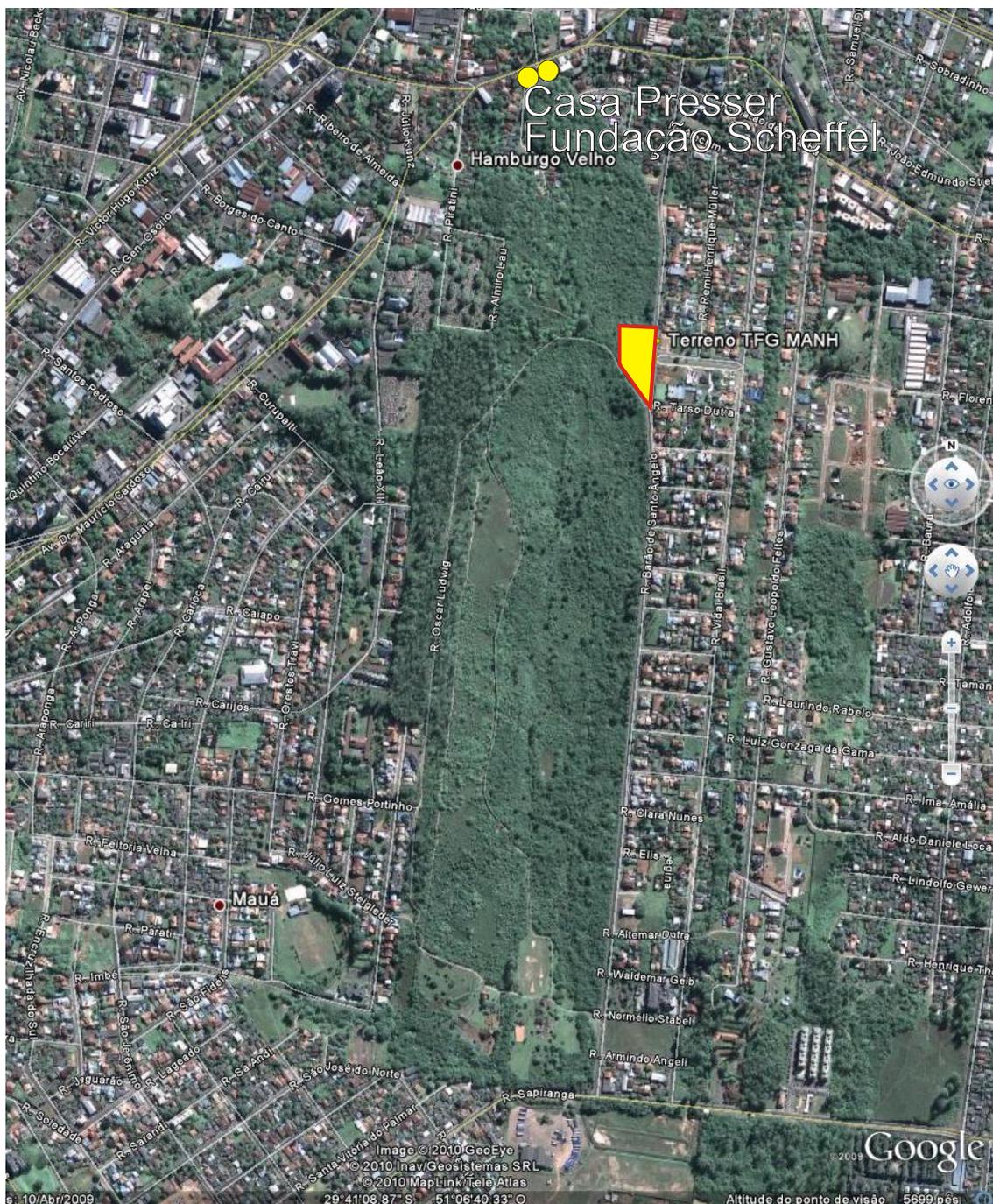


Figura 4.18 – Terreno Museu de Arte de Novo Hamburgo (MANH)

4.7. Justificativa da Escolha

A área escolhida para inserção do museu é uma área que respeita todas as condições propostas pela prefeitura de Novo Hamburgo para a revitalização do parque. Além disso, está localizado em uma área onde não foi previsto nenhum tipo de equipamento cultural. Sendo assim o terreno escolhido para o museu estaria complementando o projeto de revitalização do parque Henrique Roessler.

Conforme a análise feita sobre a importância histórica, ambiental e cultural do Parque Henrique Roessler para a cidade de Novo Hamburgo, onde a história do início da cidade e a vida de personagens marcantes de Novo Hamburgo que elevaram o nome da cidade a níveis internacionais, se confundem com a história do parque. Outro motivo foi a localização perto do centro histórico de Hamburgo Velho, porém um pouco mais afastada simbolizando um ponto de conexão entre o velho e o novo. Por todos esses motivos é que o terreno para inserção de um museu de arte na cidade de Novo Hamburgo encontra um lugar lógico e que ainda por cima ajudará de forma eficaz no processo de revitalização física e cultural desta área que com certeza merece um melhor tratamento do ponto de vista da cidade e de seus cidadãos.

O terreno se localiza na Rua Barão de Santo Ângelo em frente à Rua Florença que por coincidência tem o nome de umas cidades berço dos maiores artistas italianos e local escolhido de morada de um dos nossos personagens históricos da cidade, o Sr. Ernesto Frederico Scheffel. Além disso, a Rua Florença apresenta um perfil promissor com um jardim central e com inúmeros terrenos baldios onde por influência do museu poderia se caracterizar um novo foco artístico e contudo turístico para a cidade e também fica perto dos principais museus da cidade de Novo Hamburgo, podendo assim formar uma rota artística para o turismo local.

5. TERRENO

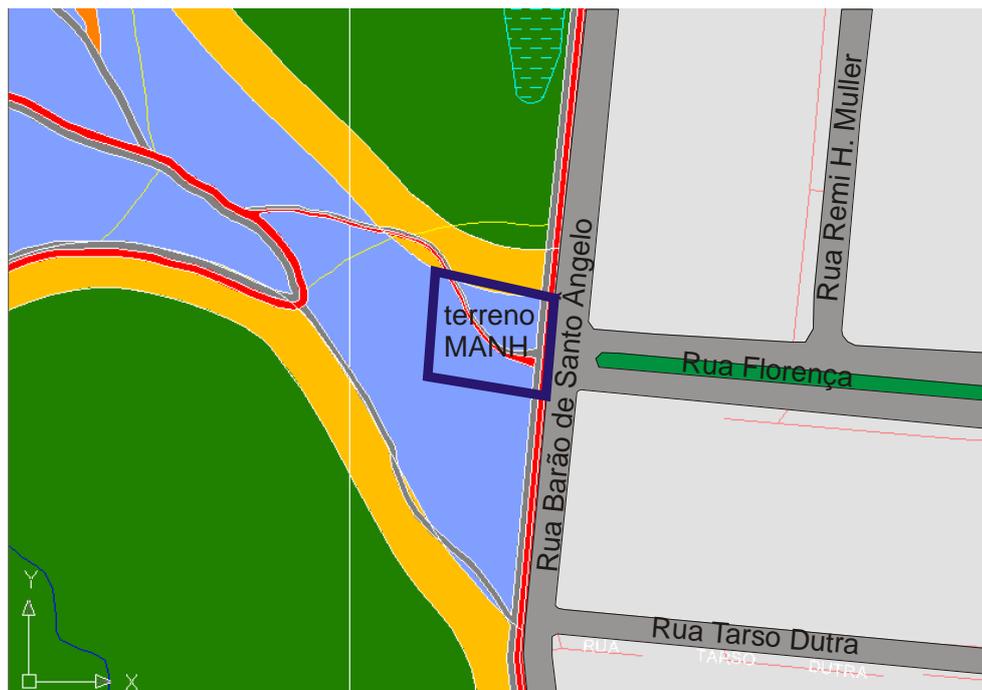


Figura 5.1 – Terreno MANH

5.1. Situação, Localização e Altimetria

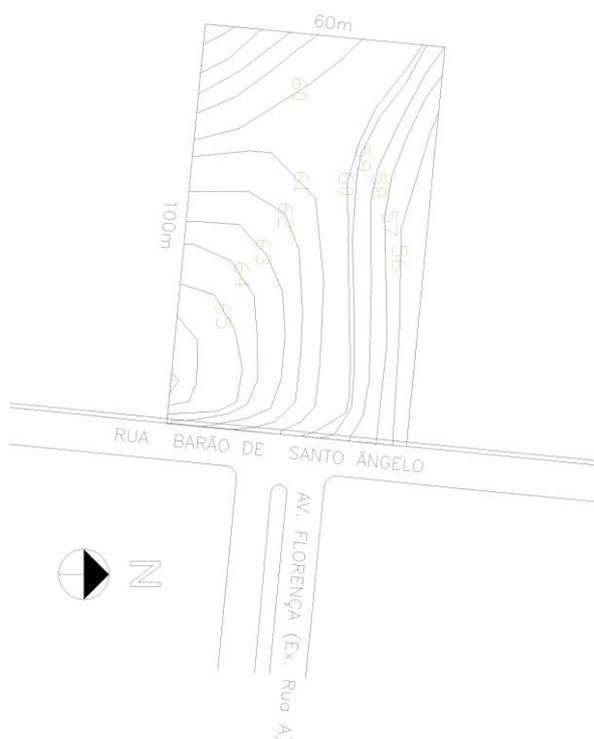


Figura 5.1. – Situação e Localização (Adaptado de PMNH, 2010 c)

5.2. Índices do Plano Diretor

De acordo com o mapa do plano diretor de Novo Hamburgo, a área do terreno está localizada no zoneamento correspondente a zona SM1, que é uma área destinada a uso miscigenado e cujos índices construtivos são:

T.O. = 75%

I.A. = 2

Sem limite de altura máxima

Recuo de Ajardinamento = 4

Afastamentos mínimos H/6

AREA TOTAL DO TERRENO = 6000m²

6. PRINCIPAIS MUSEUS E ACERVOS DO VALE DOS SINOS

O Vale dos Sinos é uma área com muitos museus históricos datados principalmente do início da imigração italiana e principalmente alemã na região. Porém não existe nenhum museu com caráter, ideologia e tipologia contemporânea, que se adaptem as novas exigências e funções dos museus atuais.

A seguir vê-se a lista e análise fotográfica dos principais museus da região do Vale dos Sinos:



Figura 6.1. – Casa Schmitt Presser



Figura 6.2. - Museu Fundação Ernesto Frederico Scheffel



Figura 6.3. – Museu Nacional do Calçado



Figura 6.4. – Museu do Trem



Figura 6.5. – Museu Histórico de Dois Irmãos

7. CONCEITUAÇÃO DE MUSEUS

Os museus públicos modernos provém do antigo “Museion” grego, lugar das Musas, das novas filhas de Zeus e Mnemosine, a memória; lugar, por tanto de criação artística e da memória. Desde o início a evolução dos museus ao largo da história seguiu com esta mesma essência.

Desde o início, o museu tem um valor eminentemente simbólico. Trata-se das mais genuínas heterotopias e analogias de todo o conjunto da sociedade e se configura como um simulacro de espaço sagrado. A origem dos museus está enraizada no processo de eleição e proteção dos totens nas sociedades primitivas; objetos belos, raros, curiosos e estão relacionados como mitos. Hoje em dia o museu guarda objetos que como os totens, são fragmentos que lembram uma totalidade passada e ausente. Fragmentos de objetos que pertenciam a tempos sagrados. No início de toda atividade humana sempre há um sentido comum e primitivo que é totalmente revelador. (MONTANER, 1995)

O conceito de museu se difundiu na Europa Ocidental como instituição cultural, através de coleções de arte privadas durante a Renascença, e iniciativas da nobreza e da Igreja Católica Romana visando uma elite de apreciadores. O museu como edifício que abriga e expõe obras de arte ao público, surge no século XIX, quando começa surgir a burguesia Européia e os museus se afirmam instituições públicas (REIS, 2007). Logo após no século XX, os espaços culturais passam a valorizar o julgamento do leigo onde antes havia apenas um círculo de pessoas com entendimentos e privilégios sociais que dispunham autoridade de argumento e discussão sobre a arte. Os museus constituem-se assim um local típico da cidade contemporânea, atraindo públicos em massa, incluindo novas atividades como restaurantes, cafés, lojas e livrarias (REIS, 2007).

7.1. O museu como organismo extraordinário

No amplo panorama da arquitetura de museus destaca-se em primeiro lugar aquele que se configura como organismo ou objeto singular, que predomina a recriação de uma forma escultórica, como fenômeno extraordinário, como acontecimento excepcional, como ocasião irrepetível. Isso costuma acontecer em contextos urbanos consolidados, nos quais a obra sobressai como contraponto radical que pretende criar um efeito de choque, e tem como ponto de partida o caminho aberto por Frank Lloyd Wright com o Museu Guggenheim de Nova Iorque (1943-1959), concebido como resposta à arquitetura de arranha-céus escalonados e prismáticos da cidade. Wright inaugurava então o caminho do museu como entorno artístico, com o contexto urbano, síntese das formas da natureza e das formas mecânicas do mundo da máquina. Wright, nos primeiros anos do século XX foi também quem concebeu a solução que convertia o museu em um percurso gerador de movimento contínuo. Era o primeiro grande passo para evoluir da caixa estática e fechada, acadêmica e simétrica, para uma forma inédita e cinemática; um novo museu ativo e dinâmico, configurando, neste caso em espiral (MONTANER, 2000).

7.1.1. Museu x Tipologia

O museu concebido como uma caixa opaca com espaços interiores compartimentados e com um alto valor simbólico começava a diluir-se com as propostas dos arquitetos de vanguardas. Aplicam-se então algumas ideias que perseguem uma ética com propósito universal, relacionada com certas promessas formais. É como se todos involuntariamente rumassem para um mesmo objetivo. A transparência, a planta livre e flexível, o espaço universal, a funcionalidade, a precisão tecnológica como elemento de identificação marcante da edificação, a

neutralidade e ausência de linhas visíveis entre espaços e obras expostas. Tudo isso são objetivos que devemos buscar ao se projetar um museu. A busca pela neutralidade e simplicidade diante do entorno não quer dizer propriamente o papel do museu, ele é um equipamento de forte valor representativo e cultural para a cidade, portanto não se pode escondê-lo (DANTAS, 2007).

Museus tem tido um papel como monumentos e marcos urbanos nas cidades contemporâneas. Muitos museus têm se caracterizado por uma distinção arquitetônica em relação as demais edificações do contexto urbano, que tem resultado, ser motivo de orgulho para determinadas comunidades com manifestações positivas e prestígio (REIS, 2007).

7.1.2. Museu, o Objeto Minimalista

A principal função do museu é mostrar as obras de arte. Ele também deve fornecer ao público os meios necessários para a compreensão das obras, enquanto, ao mesmo tempo, considerar a sua diversidade, a relação homem-espaço e espaço objeto, além da adequação da exposição, envolvendo o objeto proposto, suporte para objeto e espaço adequado para exposição. A tarefa fundamental do museu está em estimular e afinar a sensibilidade de seus usuários (REIS, 2007).

Por isso as formas minimalistas podem ser uma boa opção para uma concepção formal de um museu. Pois ela não conflita de forma agressiva com as obras de arte e tão pouco com o entorno. E ao mesmo tempo em que essas formas buscam sua neutralidade, elas não se escondem, pelo contrario, elas mostram uma pureza formal de contemplação e contraria a poluição visual habitual dos dias de hoje.

7.1.3. Circulação

Uma das mais importantes condições que se exigem de um museu é a clareza de sua ordenação espacial. O visitante de um museu precisa de uma primeira informação sobre a globalidade do espaço e da coleção para poder selecionar e distribuir seu tempo de visita. A clareza na forma da planta e a fácil percepção da totalidade do edifício, trazem grandes vantagens para o visitante,

Inclusive quanto à questão da segurança do prédio. A desorientação em um museu constitui uma das principais causas de cansaços dos visitantes. Uma clara estrutura interior permitirá ao visitante ter sempre a noção de sua situação em relação ao percurso global da exposição, podendo assim retornar com facilidade a outra obra se preferir. O caso ideal seria quando o mesmo entrar no edifício já conseguir-se uma compreensão total do interior (MONTANER, 1995).

Já dizia o arquiteto Álvaro Siza em entrevista para o filme *The School of Siza* produzido por uma TV espanhola:

O arquiteto tem a função de não privar o público de uma organização clara e objetiva. Quando se entra em uma edificação, deve-se entender de imediato a suas funções básicas. (In preparation for "Urban Networks" (Florence - May 6, 2010)

8. PROJETOS REFERENCIAIS

8.1. Museu da Memória e dos Direitos Humanos (Santiago)

Este museu, foi projetado pelo grupo de arquitetos chamados “Estúdio América”, em 2007, e finalizado em 2010, foi escolhido para estudo de caso devido ao seu forte conceito que estabelece um diálogo com a morfologia da capital chilena, sendo tratado como elemento fomentador da fruição do espaço público.

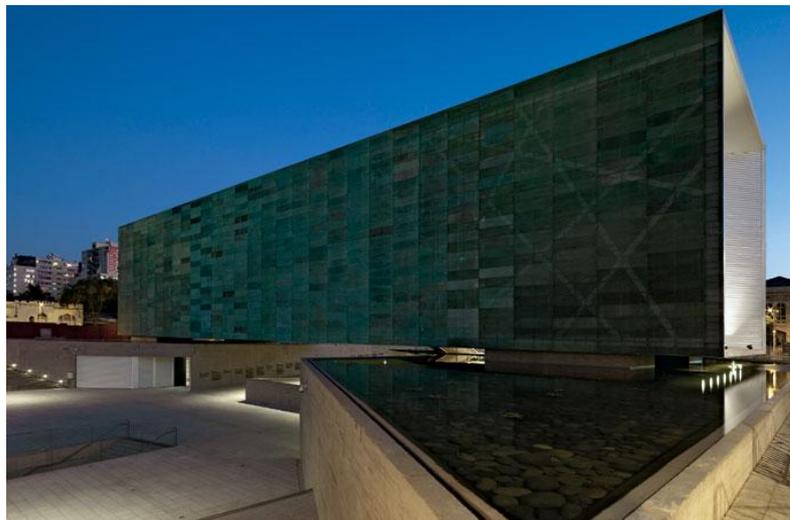


Figura 8.1. – Fachada do Museu (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.2. – Fachada do Museu (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.3. – Vão sob o volume principal (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.4. – Circulação Vertical (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.5. – Interior do Museu (ARCOWEB, 2010)

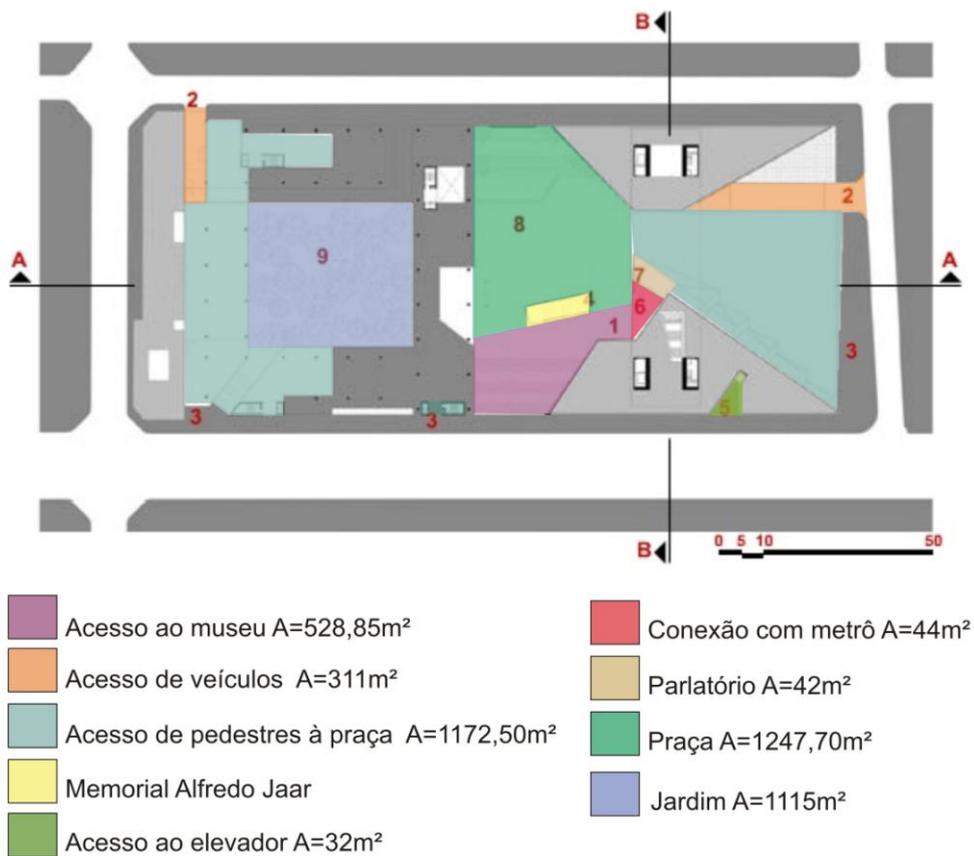


Figura 8.6. – Planta Baixa Nível 0,00 (ARCOWEB, 2010)

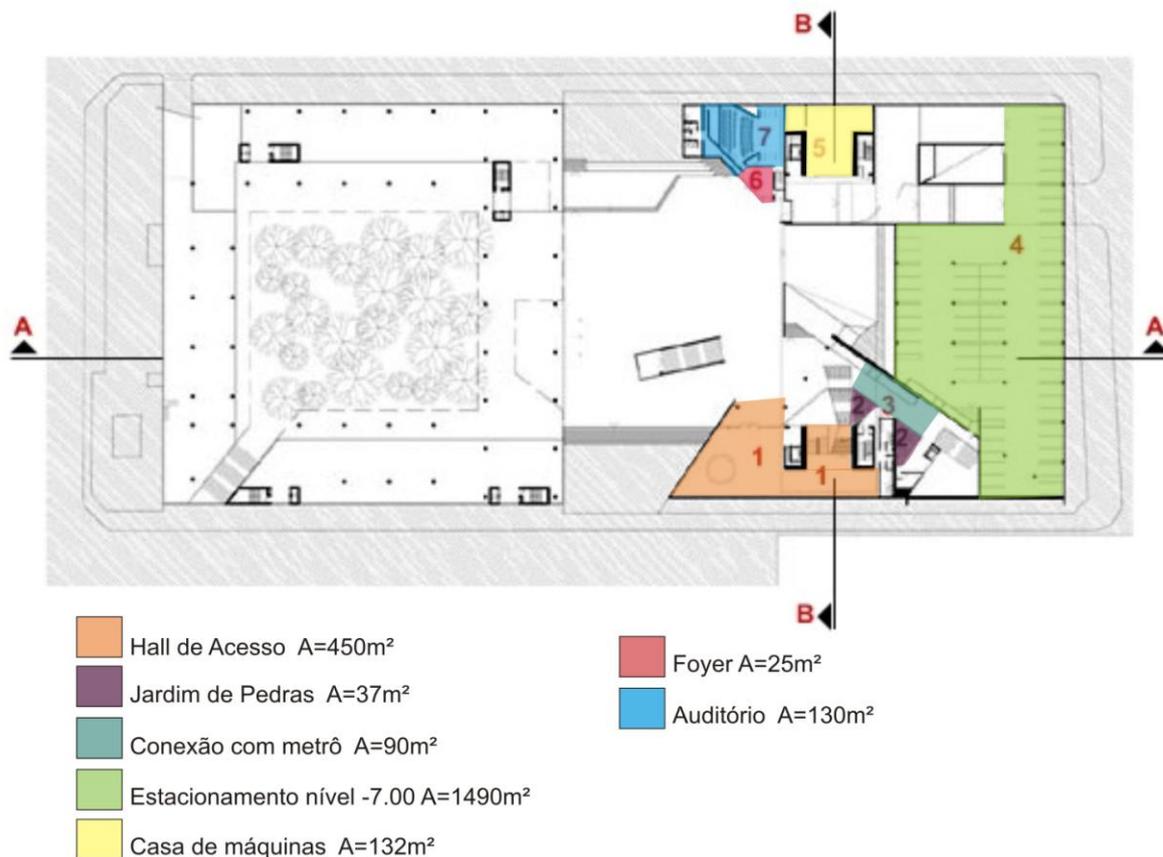


Figura 8.7. – Planta Baixa Nível -5,95/-7,00 (ARCOWEB, 2010)

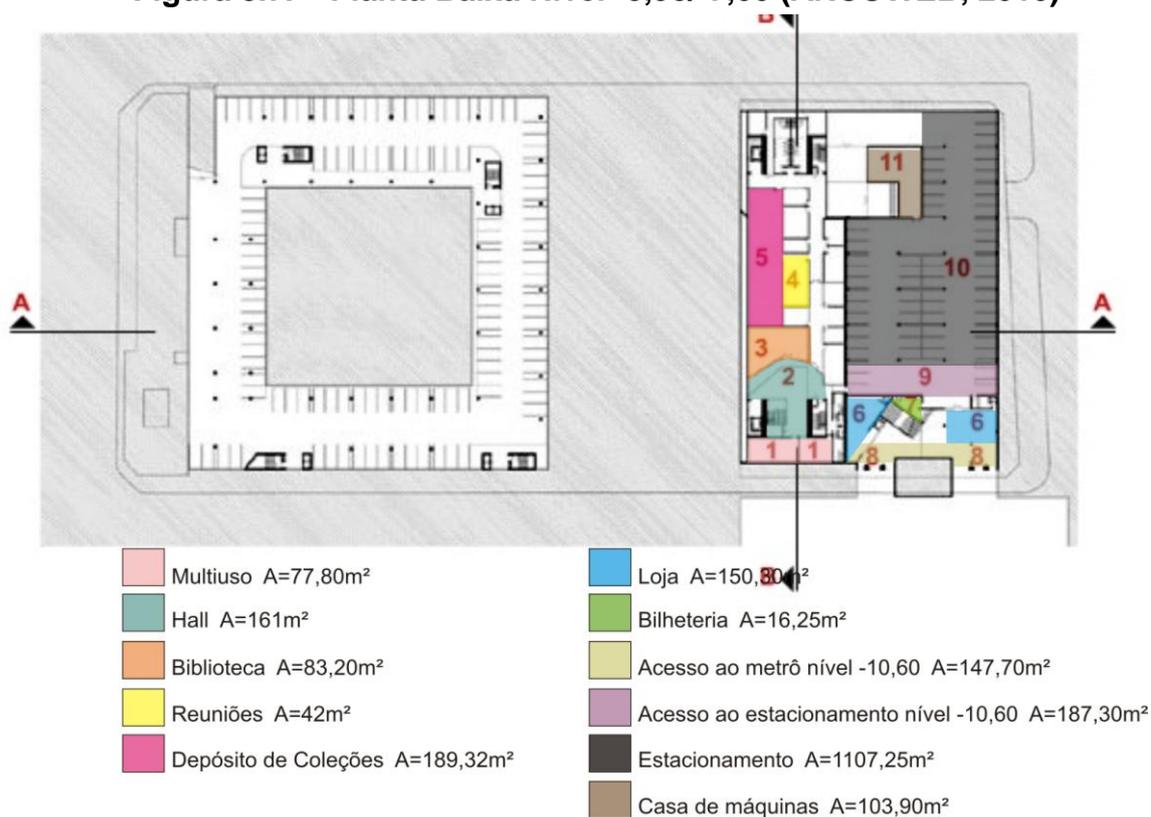


Figura 8.8. – Planta Baixa Nível -10,61/-10,71 (ARCOWEB, 2010)

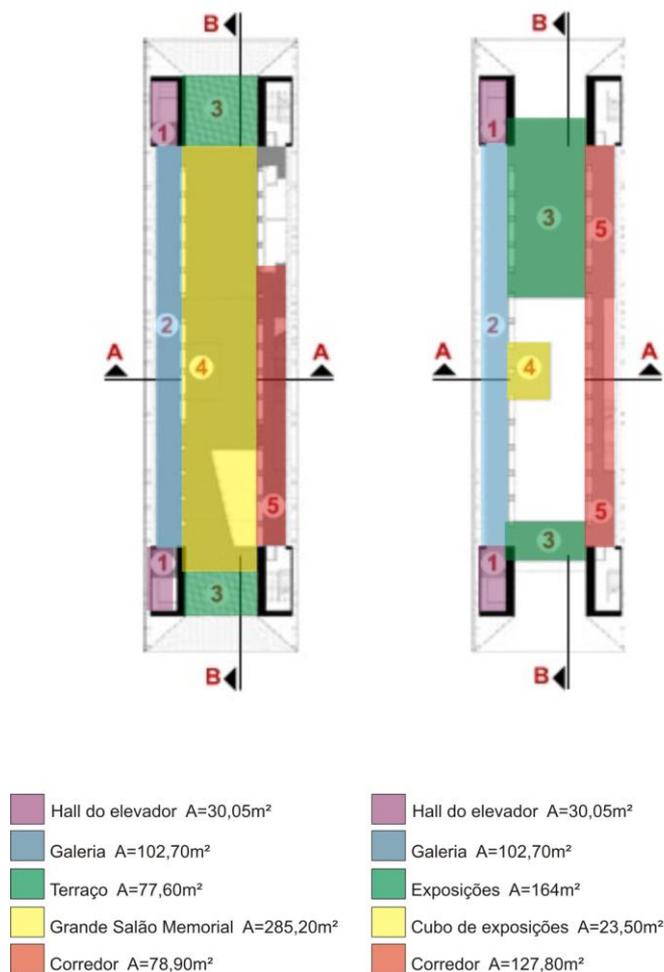


Figura 8.9. – Planta Baixa Nível 1,70/ Planta Baixa Nível 6,46 (ARCOWEB, 2010)

8.1.1. Tabelas Áreas

| AMBIENTE | ÁREA |
|-----------------------------|------------------------------|
| ACESSO AO MUSEU | 528,85 m ² |
| ACESSO DE VEÍCULOS | 311 m ² |
| ACESSO DE PEDESTRES À PRAÇA | 1172,5 m ² |
| ACESSO AO ELEVADOR | 32 m ² |
| CONEXÃO COM METRÔ | 44 m ² |
| PARLATÓRIO | 42 m ² |
| PRAÇA | 1247,7 m ² |
| JARDIM | 1115 m ² |
| TOTAL | 4493,05 m² |

Tabela 8.1.1. – Áreas Nível 0,00

| AMBIENTE | ÁREA |
|----------------------------|---------------------------|
| HALL DE ACESSO | 450 m ² |
| JARDIM DE PEDRAS | 37 m ² |
| CONEXÃO COM METRÔ | 90 m ² |
| ESTACIONAMENTO NÍVEL -7,00 | 1490 m ² |
| CASA DE MÁQUINAS | 132 m ² |
| FOYER | 25 m ² |
| AUDITÓRIO | 130 m ² |
| TOTAL | 2354 m² |

Tabela 8.1.2. – Áreas Nível -5,95/-7,00

| AMBIENTE | ÁREA |
|----------------------------------|-----------------------------|
| MULTIUSO | 77,80 m ² |
| HALL | 161 m ² |
| BIBLIOTECA | 83,20 m ² |
| REUNIÕES | 42 m ² |
| DEPÓSITO DE COLEÇÕES | 189,32 m ² |
| LOJA | 150,30 m ² |
| BILHETERIA | 16,25 m ² |
| ACESSO AO METRÔ NÍVEL -10,60 | 147,7 m ² |
| ACESSO AO ESTACION. NÍVEL -10,60 | 187,3 |
| ESTACIONAMENTO | 1107,25 m ² |
| CASA DE MÁQUINAS | 103,90 m ² |
| TOTAL | 2266,02m² |

Tabela 8.1.3. – Áreas Nível 10,61/-7,00

| AMBIENTE | ÁREA |
|-----------------------|-----------------------------|
| HALL DO ELEVADOR | 30,05 m ² |
| GALERIA | 102,70 m ² |
| TERRAÇO | 77,06 m ² |
| GRANDE SALÃO MEMORIAL | 285,20 m ² |
| CORREDOR | 78,90 m ² |
| TOTAL | 481,91 m² |

Tabela 8.1.5. – Áreas Nível 1,70

| AMBIENTE | ÁREA |
|--------------------|-----------------------------|
| HALL DO ELEVADOR | 30,05 m ² |
| GALERIA | 102,70 m ² |
| EXPOSIÇÕES | 164 m ² |
| CUBO DE EXPOSIÇÕES | 23,50 m ² |
| CORREDOR | 127,80 m ² |
| TOTAL | 659,55 m² |

Tabela 8.1.4. – Áreas Nível 6,46

8.2. Museu de Arte Contemporânea (Santiago de Compostela)

Esse museu projetado por Álvaro Siza em 1986 foi escolhido por ter a característica de união de um entorno histórico e uma nova arquitetura. É interessante notar como os materiais escolhidos e a forma simples dos volumes coexiste harmoniosamente com o entorno barroco.

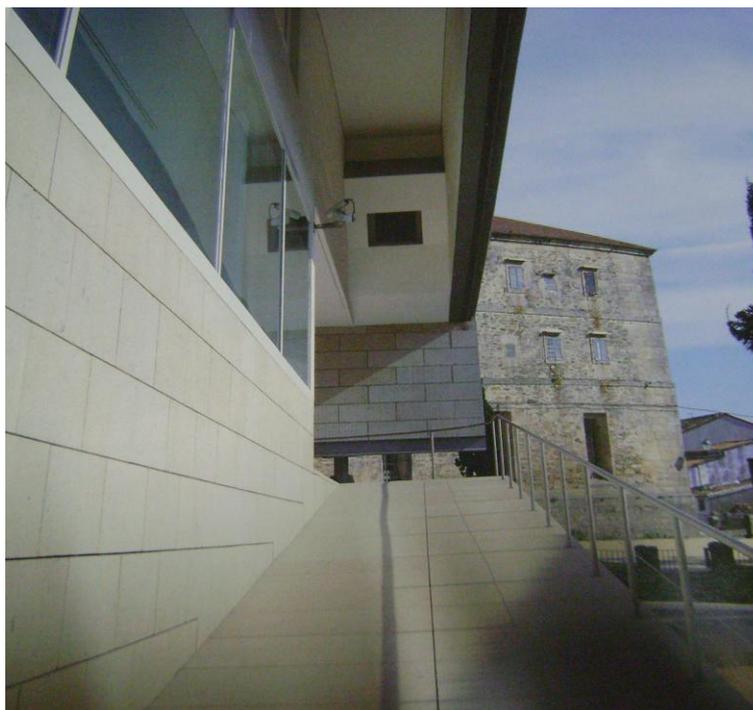


Figura 8.10. – Rampa de acesso principal do museu (TRIGUEIROS, 1995).



Figura 8.11. – Museu de Santiago de Compostela (TRIGUEIROS, 1995).



Figura 8.12. - Sala de exposições do museu (TRIGUEIROS, 1995)



Figura 8.13. – Mostrando a união harmoniosa do novo e o velho (TRIGUEIROS, 1995).

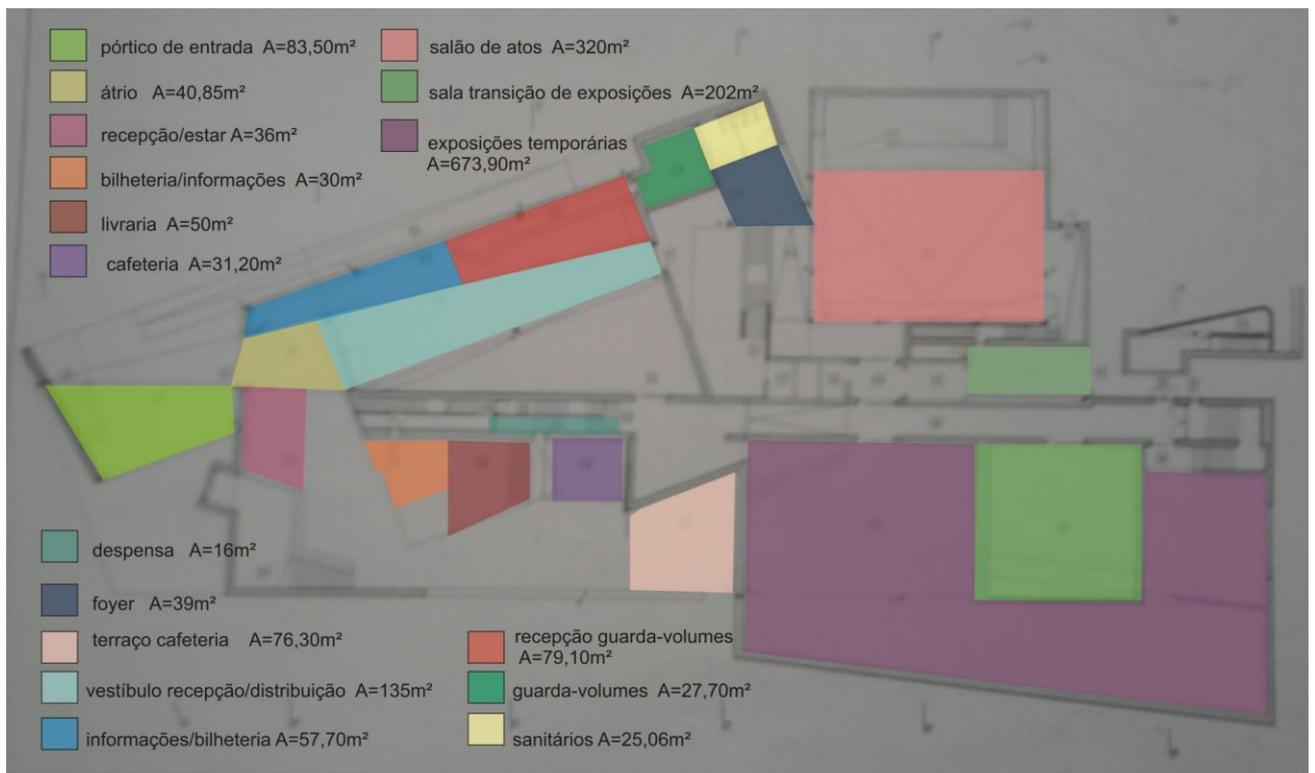


Figura 8.15. – Planta Baixa Pavimento Térreo (TRIGUEIROS, 1995).

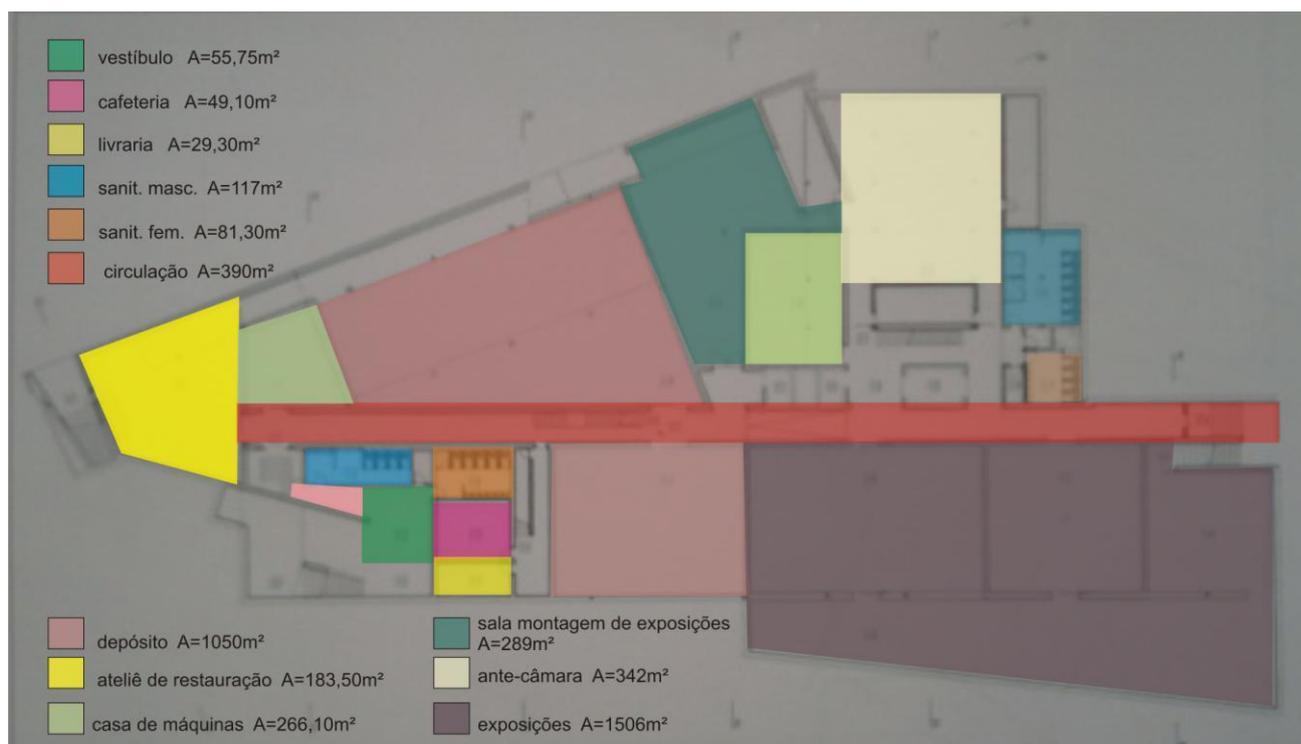


Figura 8.14. – Planta Baixa 2º Pavimento (TRIGUEIROS, 1995).

8.2.1. Tabelas Áreas

| AMBIENTE | ÁREA |
|---------------------------|-----------------------------|
| PÓRTICO ENTRADA | 145 m ² |
| ATRIO | 70,85 m ² |
| BILHETERIA/INFORM. | 50 m ² |
| RECEPÇÃO/ESTAR | 77 m ² |
| LIVRARIA | 88 m ² |
| CAFETERIA | 68 m ² |
| TERRAÇO CAFETERIA | 158,3 m ² |
| DESPENSA | 24 m ² |
| VESTÍBULO RECEPÇÃO/DISTR. | 232 m ² |
| INFORMAÇÕES/BILHETERIA | 96 m ² |
| RECEPÇÃO GUARDA VOLUMES | 140 m ² |
| GUARDA VOLUMES | 52,7 m ² |
| FOYER | 65 m ² |
| SANITÁRIOS | 46,06 m ² |
| SALÃO DE ATOS | 625 m ² |
| ZONA EXPOSIÇÕES TEMPOR. | 1251 m ² |
| SALA TRANSIÇÃO EXPOSIÇÕES | 361 m ² |
| TOTAL | 3549,91m² |

Tabela 8.2.1. - Áreas Pavimento Térreo

| AMBIENTE | ÁREA |
|-----------------------------|------------------------------|
| VESTÍBULO | 55,75 m ² |
| CAFETERIA | 49,1 m ² |
| LIVRARIA | 29,3 m ² |
| SANITÁRIO MASCULINO | 117 m ² |
| SANITÁRIO FEMININO | 81,3 m ² |
| CIRCULAÇÃO | 390 m ² |
| DEPÓSITO | 1050 m ² |
| ATELIÊ DE RESTAURAÇÃO | 183,5 m ² |
| CASA DE MÁQUINAS | 266,1 m ² |
| SALA MONTAGEM DE EXPOSIÇÕES | 289 m ² |
| ANTE CÂMARA | 342 m ² |
| EXPOSIÇÕES | 1506 m ² |
| TOTAL | 4359,05 m² |

Tabela 8.2.2. - Áreas Pavimento Térreo

8.3. Museu Iberê Camargo (Porto Alegre)

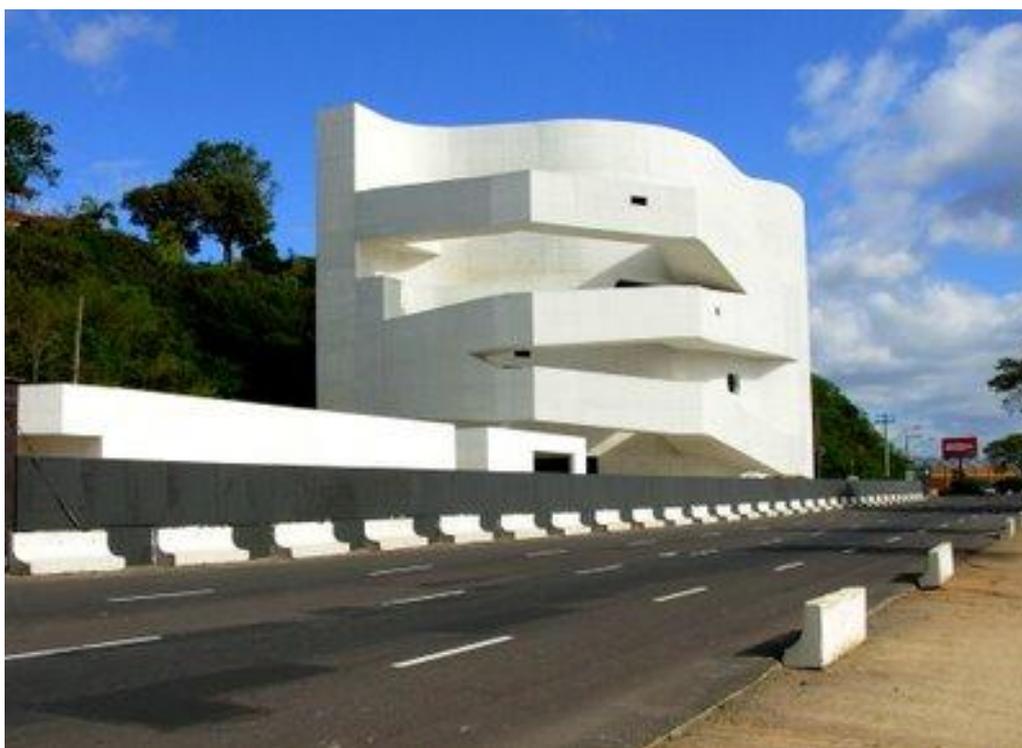


Figura 8.15. – Fachada Museu (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.16. – Fachada Museu (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.17. – Interior Museu (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.18. – Interior Museu (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.19. – Fachada Museu (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.20. – Entrada Museu (ARCOWEB, 2010)

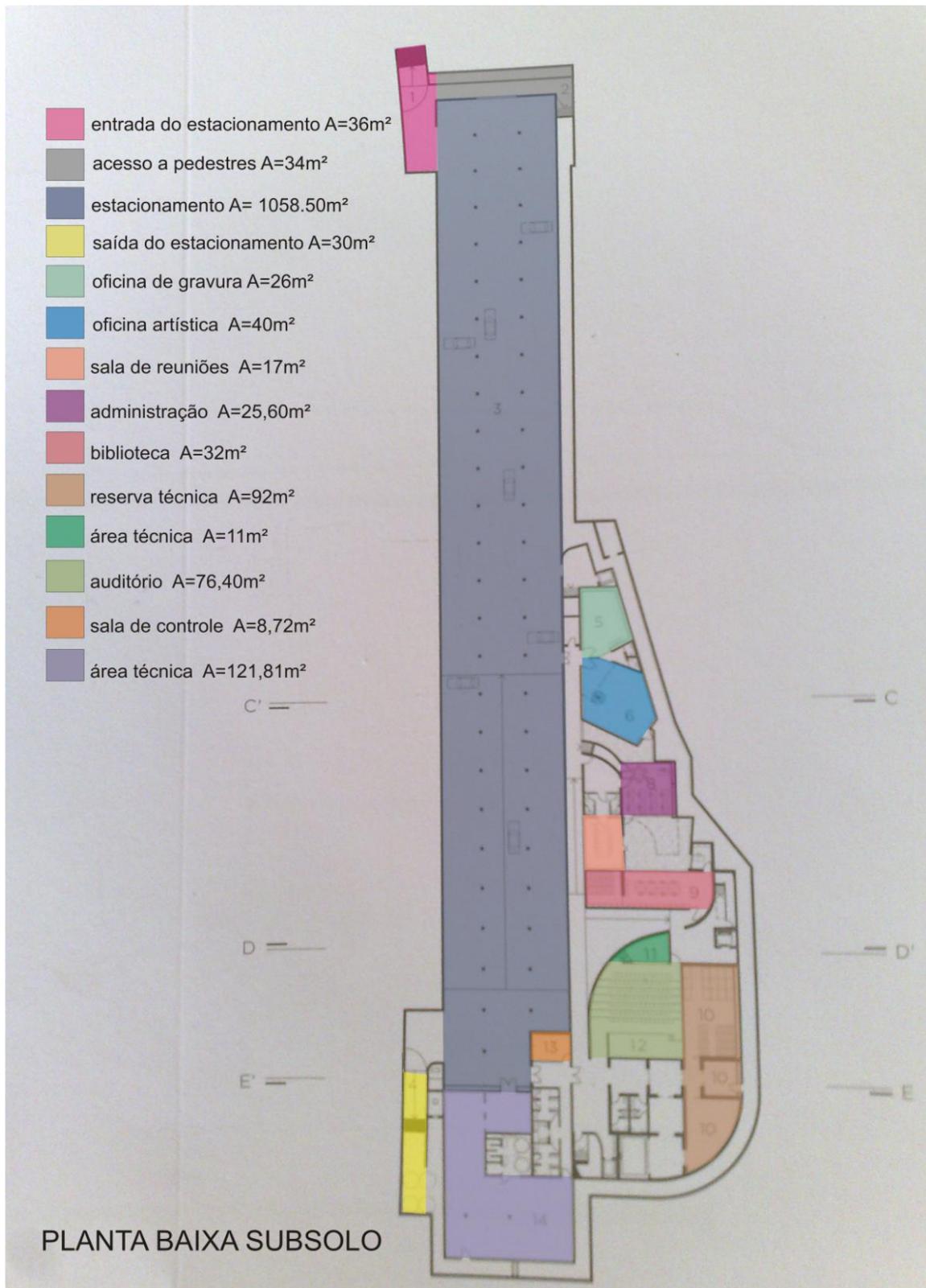


Figura 8.21. – Planta Baixa Subsolo (KIEFER, 2008)



Figura 8.22. – Planta Baixa Térreo (KIEFER, 2008)

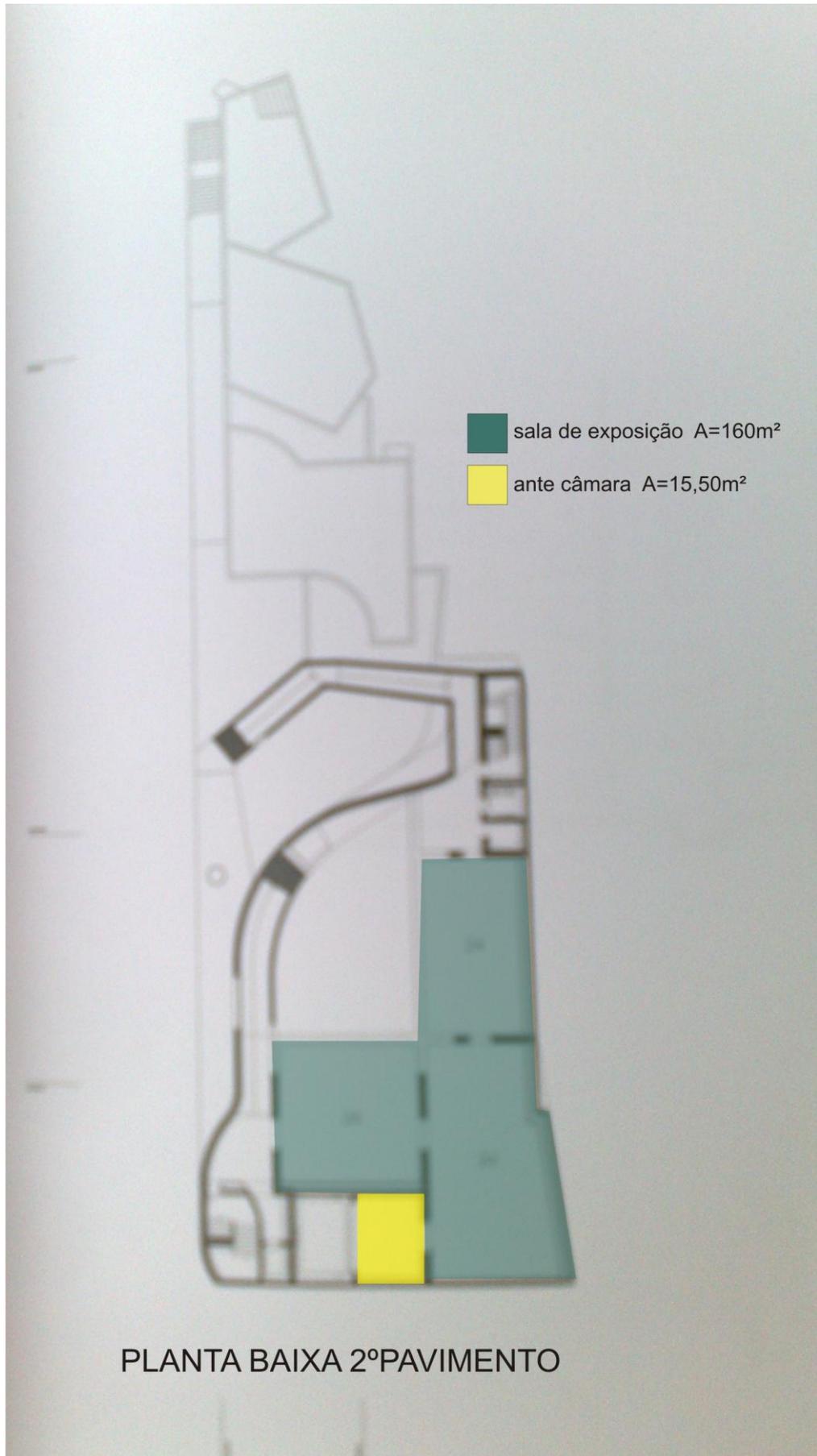
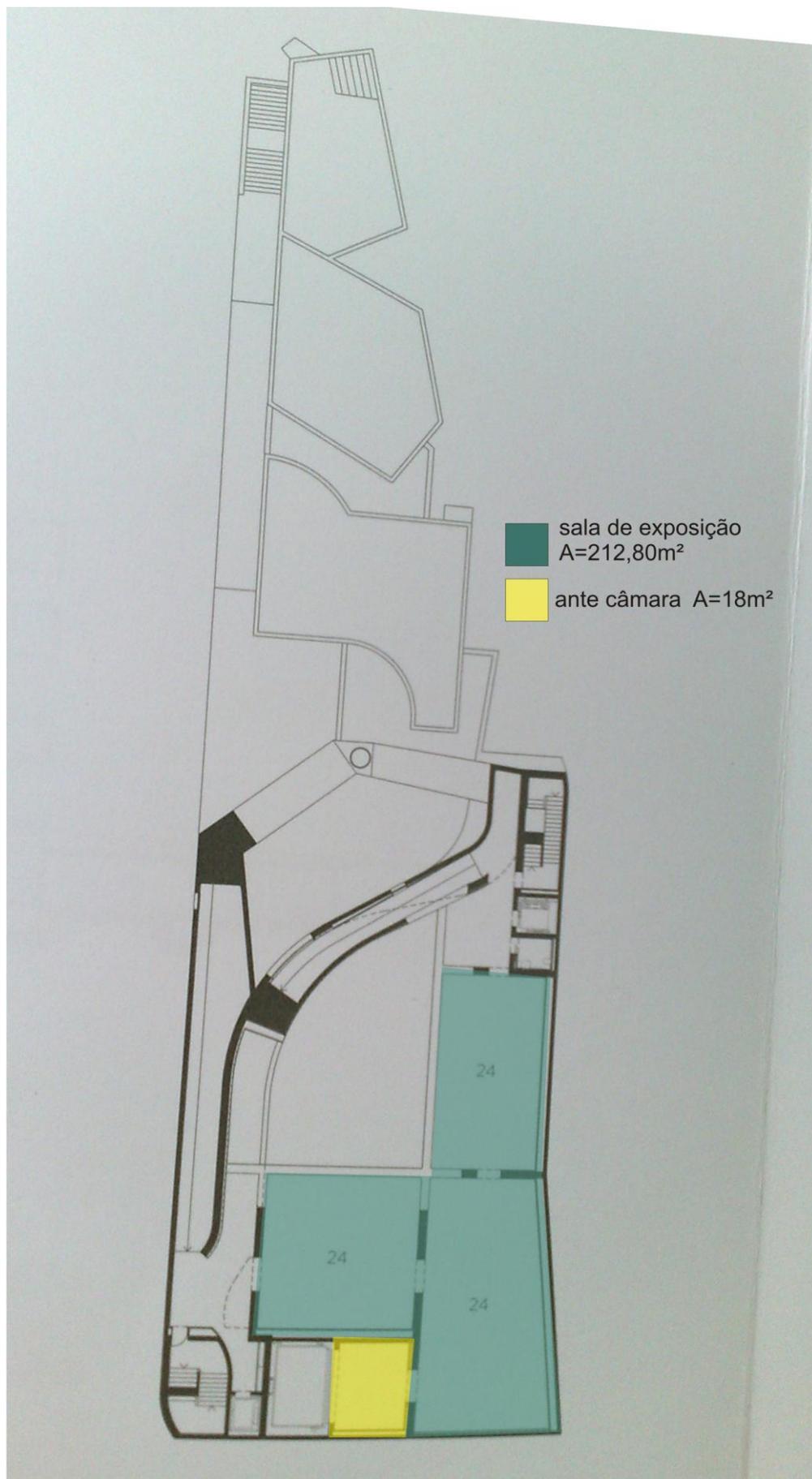


Figura 8.23. – Planta Baixa 2º Pavimento (KIEFER, 2008)



PLANTA BAIXA 3º PAVIMENTO

Figura 8.24. – Planta Baixa 3º Pavimento (KIEFER, 2008)

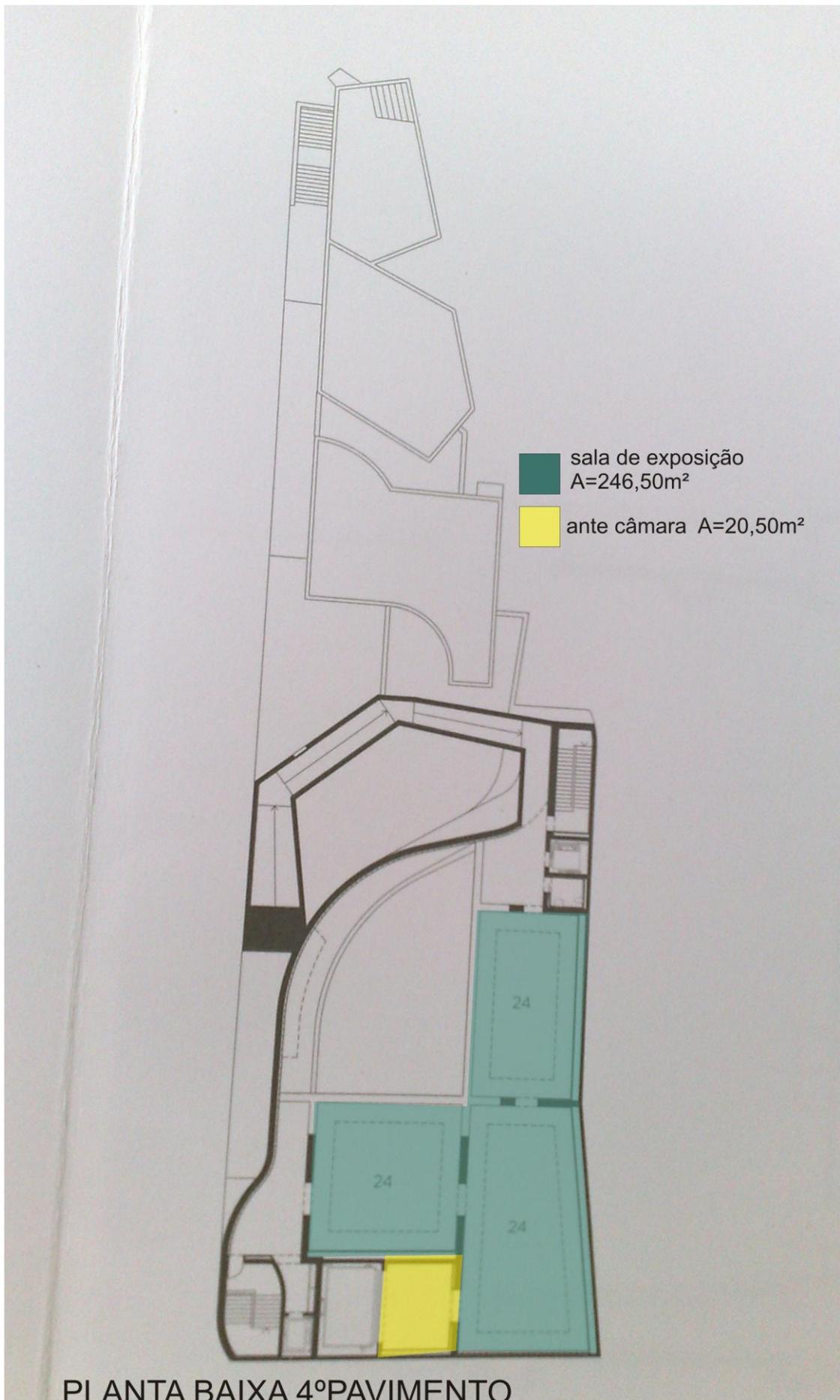


Figura 8.25. – Planta Baixa 3º Pavimento (KIEFER, 2008)

8.3.1. Tabelas Áreas

SUBSOLO

| AMBIENTE | ÁREA |
|---------------------------|------------------------------|
| ENTRADA DO ESTACIONAMENTO | 36 m ² |
| ACESSO A PEDESTRES | 34 m ² |
| ESTACIONAMENTO | 1058,50 m ² |
| SAIDA DO ESTACIONAMENTO | 30 m ² |
| OFICINA DE GRAVURA | 26 m ² |
| OFICINA ARTISTICA | 40 m ² |
| SALA DE RESUNIÕES | 17 m ² |
| ADMINISTRAÇÃO | 25,60 m ² |
| BIBLIOTECA | 32 m ² |
| RESERVA TÉCNICA | 92 m ² |
| ÁREA TÉCNICA | 11 m ² |
| AUDITÓRIO | 76,40m ² |
| SALA DE CONTROLE | 8,72 m ² |
| ÁREA TÉCNICA | 121,81 m ² |
| TOTAL | 1609,03 m² |

Tabela 8.3.1. – Áreas Subsolo

TÉRREO

| AMBIENTE | ÁREA | PÉ DIREITO |
|------------------|-----------------------------|-------------------|
| CAFETERIA | 30,80 m ² | 2,66 m |
| MEZANINO | 7,50 m ² | - |
| ENTRADA DO MUSEU | 10,38 m ² | 21,41 m |
| BILHETERIA | 1,60 m ² | - |
| GUARDA-VOLUMES | 9,42 m ² | - |
| RECEPÇÃO | 7,30 m ² | - |
| ÁTRIO | 62,10 m ² | 21,41 m |
| LIVRARIA | 12 m ² | 4,09 m |
| ALMOXARIFADO | 2,80 m ² | - |
| TOTAL | 143,90 m² | - |

Tabela 8.3.2. – Áreas Pavimento Térreo

2º PAVIMENTO

| AMBIENTE | ÁREA | PÉ DIREITO |
|-------------------|-----------------------------|-------------------|
| SALA DE EXPOSIÇÃO | 160 m ² | 4,91 m |
| ANTE CAMARA | 15,50 m ² | 4,40 m |
| TOTAL | 175,50 m² | - |

Tabela 8.3.3. – Áreas 2º Pavimento

3º PAVIMENTO

| AMBIENTE | ÁREA | PÉ DIREITO |
|-------------------|-----------------------------|-------------------|
| SALA DE EXPOSIÇÃO | 212,80 m ² | 4,91 m |
| ANTE CAMARA | 18 m ² | 4,40 m |
| TOTAL | 230,80 m² | - |

Tabela 8.3.4. – Áreas 3º Pavimento

4º PAVIMENTO

| AMBIENTE | ÁREA | PÉ DIREITO |
|-------------------|--------------------------|-------------------|
| SALA DE EXPOSIÇÃO | 246,50 m ² | 4,91 m |
| ANTE CAMARA | 20,50 m ² | 4,40 m |
| TOTAL | 267 m² | - |

Tabela 8.3.5. – Áreas 4º Pavimento

8.3.2. Aspectos Tecnológicos

O Museu Iberê Camargo, pode ser visto como pioneiro na utilização de muitos aspectos tecnológicos, com foco principal na conservação, armazenamento e exposição das obras.

Isolamento térmico

Em primeiro lugar, a especial preocupação com o isolamento térmico presente nas especificações de projeto fez com que todas as paredes e lajes exteriores fossem revestidas com mantas de lã de rocha com 5 cm de espessura. O investimento foi válido pelo conforto térmico no interior dos espaços e pela grande economia de energia, dadas as variações térmicas muito freqüentes na cidade de Porto Alegre. (KIEFER, 2008)

Tratamento das Fachadas

A aplicação de endurecedor australiano de alta desempenho (2 cm de penetração) criou maior impermeabilidade, protegendo a superfície do concreto branco contra interpéries e poluição. (KIEFER, 2008)

Instalações de Climatização

O sistema de climatização é oriundo de um projeto setorizado automatizado. Apesar da baixa carga térmica, o sistema para salas é composto de chiller, fancoils industriais posicionados estrategicamente e bancos de gelo. Nas áreas de reserva, foram aplicados equipamentos especiais do tipo close control. Foram instalados umificadores importados de última geração para controlar a umidade, uma das questões mais delicadas nesse tipo de construção. Outra novidade foi a aplicação de mantas radiantes nas paredes externas das rampas e no teto do átrio do edifício. Tais mantas incrementam a inércia térmica do edifício, trazendo economia de energia. No estacionamento, foram instalados ventiladores axiais de impulso comandados por uma central de CO (monóxido de carbono). Esse sistema, com velocidade variável, faz as trocas de ar necessárias e melhora a qualidade do ar na zona de acesso do edifício. (KIEFER, 2008)

Instalações Elétricas

Em busca de controle automatizado do edifício desde a sala de controle, foram aplicados disjuntores tetrapolares nos quadros elétricos. Esses disjuntores permitem ao operador do prédio gerir circuitos remotamente, por meio do sistema de gestão e controle de potência máxima. A subestação transformadora é equipada com transformador a seco e isolamento acústico reforçado, associados a um sistema de SF6. Outro ponto fundamental foi aplicação de toda a cablagem da obra com isolamento especial tipo “afumex”. Todos estes detalhes reforçam pontos cruciais, fazendo com que o sistema elétrico fosse mais confiável e seguro. (KIEFER, 2008)

Esquadrias

As esquadrias são aplicadas na face interna dos vãos de concreto branco. Na parte inferior recebem soleira de mármore e revestimento externo de aço inox jateado. Essas peças foram fabricadas a partir de protótipos desenvolvidos,

conjuntamente, pelas equipes de várias empresas integradas (esquadrias, serralheria, mármore e vidros). (KIEFER, 2008)

Revestimento em gesso/tratamento acústico interno

O isolamento térmico e o tratamento acústico interno, somados às instalações embutidas, obrigaram que todas as paredes e tetos fossem revestidos com placas de gesso acartonado. Foram empregados cinco tipos de placas, com o seguinte critério e aplicação: a) hidrofuga simples – locais laváveis e com contato externo direto (banheiros, áreas técnicas e o estacionamento); b) corta-fogo – reserva técnica e escadas protegidas; c) simples 9mm – superfícies curvas do átrio; d) duplas 12,5mm – salas de exposição; e) perfuradas 12,5mm – tetos em geral para qualificar acusticamente os locais expositivos e os de trabalho. As placas perfuradas recebem revestimento de tecido “veloglass” e pintura à base de água para não comprometer a absorção acústica. (KIEFER, 2008)

Revestimento em mármore

Foi adotado o mármore tipo *pighes* nos sanitários, vestiários e escadas. Esse revestimento foi aplicado com muito rigor no que tange as juntas e paginação dos veios, sendo usado com espessura de 3 cm no caso dos pisos, para aumentar a durabilidade no caso de choques ou desgaste. (KIEFER, 2008)

Revestimento em Madeira

Adotou-se assoalho de perobinha, selecionado para exportação. As tábuas foram aplicadas em estrutura de barrotes em madeira sobre leito flutuante, respeitando os alinhamentos propostos, sem tabeiras, de acordo com detalhes especificados pelo arquiteto Siza. (KIEFER, 2008)

Reuso de Água

Como medida de economia, foi adotado o reaproveitamento da água das torneiras e chuveiros, proveniente da concessionária de água local. Junto com as águas captadas nas coberturas e nos pátios internos, passam por tratamento e são utilizadas nos vasos sanitários. O sistema é totalmente pressurizado com bombas duplas especiais, o que aumenta substancialmente a segurança, já que possuem dois motores. Esta solução permite futuras manutenções sem interromper o funcionamento. O reuso das águas demonstra claramente o respeito e o comprometimento com o meio ambiente. (KIEFER, 2008)

8.4. Museu de Arte Latino-Americana (Buenos Aires)



Figura 8.2.1. – Fachada Principal (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.2.2. –Deck exposições esculturas (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.2.3. – Átrio com 20m de pé-direito (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.2.4. – Biblioteca (ARCOWEB, 2010)



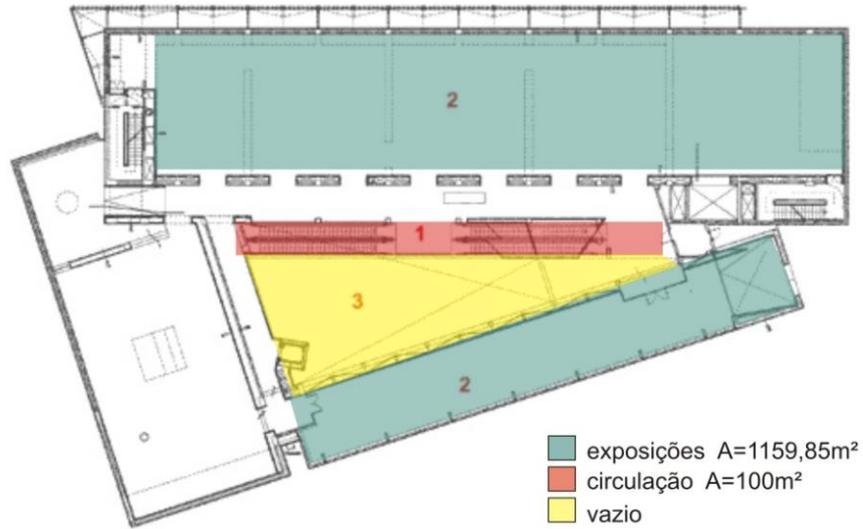
Figura 8.2.5. – Exposições (ARCOWEB, 2010)



Figura 8.2.6. – Auditório para 300 pessoas (ARCOWEB, 2010)

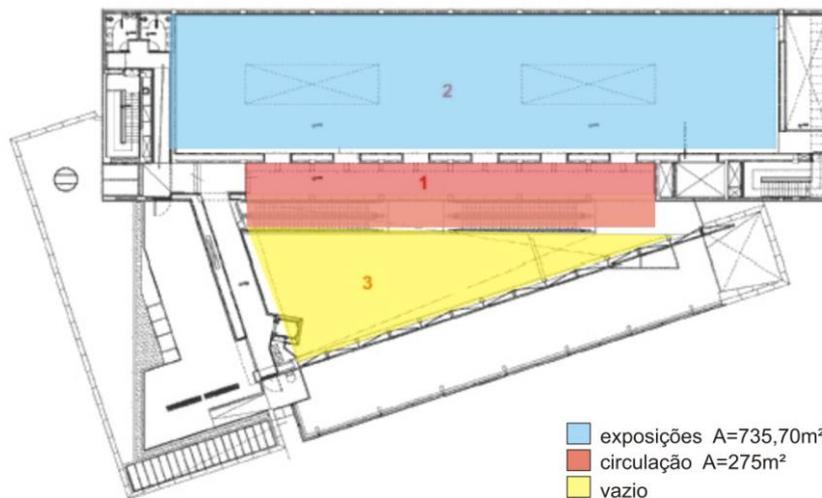


Figura 8.2.7. - Planta Baixa Pavimento Térreo (ARCOWEB,2010)



PLANTA BAIXA 2° PAVIMENTO

Figura 8.2.8. - Planta Baixa 2° Pavimento (ARCOWEB,2010)



PLANTA BAIXA 3° PAVIMENTO

Figura 8.2.9 - Planta Baixa 3° Pavimento (ARCOWEB,2010)

8.4.1. Tabelas Áreas

| AMBIENTE | ÁREA |
|------------------|-----------------------------|
| ACESSO PRINCIPAL | 272,6 m ² |
| HALL | 152,4 m ² |
| BAR/CAFÉ | 92 m ² |
| LOJA | 44,8 m ² |
| BIBLIOTECA | 84 m ² |
| AUDITÓRIO | 208 m ² |
| COZINHA | 37 m ² |
| TOTAL | 890,80 m² |

Tabela 8.4.1. – Áreas Pavimento Térreo

| AMBIENTE | ÁREA |
|-----------------|------------------------------|
| EXPOSIÇÕES | 1159,85 m ² |
| CIRCULAÇÃO | 100 m ² |
| TOTAL | 1259,85 m² |

Tabela 8.4.2. – Áreas 2º Pavimento

| AMBIENTE | ÁREA |
|-----------------|------------------------------|
| EXPOSIÇÕES | 735,70 m ² |
| CIRCULAÇÃO | 275 m ² |
| TOTAL | 1010,70 m² |

Tabela 8.4.2. – Áreas 3º Pavimento

9. PROGRAMA DE NECESSIDADES

Com base na análise feita nos museus do século XXI chegou-se a um programa de necessidades considerado ideal para o Museu de Arte de Novo Hamburgo.

O programa de necessidades proposto inclui basicamente áreas de exposição, um auditório para 100 pessoas e salas administrativas, distribuídos ao longo de dois pavimentos e um piso intermediário. Também se inclui no museu, um bar café, áreas para exposições temporárias, áreas para exposições de esculturas nos terraços.

A área total do museu ficará em torno de 5000m².

9.1. Setor Privado

Este setor abrange as áreas estritamente privadas, exemplificadas nos setores de administração do museu, juntamente com o setor de recebimento, armazenamento e manutenção do acervo em exposição, seja ela temporária ou permanente.

- a) **Recepção:** local para recepcionar pessoas, artistas ou empresas interessadas em entrar em contato diretamente com as pessoas encarregadas do setor administrativo do museu, para fins de exposições ou assuntos afins. **Área: 15m²**
- b) **Sala Estar/Espera:** Sala posterior à recepção administrativa, para proporcionar um local de espera ao atendimento dos encarregados do setor administrativo. **Área: 25m²**
- c) **Sala Direção/Sala Curador/Salas Administrativas:** Salas para o trabalho dos funcionários encarregados do setor administrativo do museu. **Área: 30m²** cada uma
- d) **Doca:** local destinado a embarque e desembarque de obras ou quaisquer outros produtos para manutenção e conservação do acervo. **Área: 50m²**
- e) **Armazenamento de obras:** local destinado a um prévio armazenamento de obras que entrarão ou sairão de exposição no museu. **Área: 60m²**
- f) **Ateliê Restauração/Manutenção:** local para a restauração e manutenção das obras do acervo. **Área: 40m²**
- g) **Depósito Acervo:** local destinado ao armazenamento e depósito de obras. **Área: 1000m²**
- h) **Depósito Geral:** local para armazenamento de materiais referentes aos outros serviços do museu, que não o depósito de obras, que vai do mobiliário à produtos de limpeza. **Área: 30m²**
- i) **Sanitários:** sanitários organizados por sexo, exclusivamente para uso do setor público. **Área: 10m²** cada um

9.2. Setor Público

Este setor abrange as áreas de uso público do museu, em exclusivo as áreas de exposições, permanentes ou itinerantes, juntamente com seus setores de apoio, ficando livre para o acesso de toda e qualquer pessoa que estiver no local.

- a) **Hall de entrada:** local de entrada principal do museu, anterior ao átrio. **Área: 100m²**
- b) **Átrio:** local para recebimento dos visitantes, sendo convidativo aos demais setores públicos do museu. **Área: 150m²**
- c) **Informações/bilheteria:** local para informações referentes ao museu e seu percurso, juntamente com a bilheteria que dá a livre entrada ao museu. **Área: 15m²**
- d) **Guarda-volumes:** local destinado ao temporário armazenamento de objetos pessoais dos visitantes. **Área: 25m²**
- e) **Loja:** local de venda de objetos relacionados ao museu, tais como *souvenirs*. **Área: 40m²**
- f) **Livraria:** local destinado a venda de livros relacionados ao museu e a arte moderna. **Área: 80m²**
- g) **Bar/café:** local destinado a comercialização de bebidas e alimentos aos visitantes do museu e seus funcionários. **Área: 100m²**
- h) **Sanitários:** sanitários organizados por sexo, para uso do público. **Área: 15m²** cada um
- i) **Exposições temporárias/permanentes:** local destinado a exposição de obras do acervo do museu, juntamente com obras de exposições itinerantes. **Área: 2000m²**

9.3. Setor Público Privado

Este setor abrange as áreas do museu que podem tanto ser de uso público como privado, exemplo do auditório, da biblioteca e das salas de apoio.

- a) **Foyer:** área em frente ao auditório destinada a acomodar os visitantes que aguardam a entrada ao mesmo. **Área: 30m²**
- b) **Auditório:** local destinado ao acomodamento de 120 pessoas, para apresentações de artistas ou qualquer outro tipo de evento relativo às artes. **Área: 180m²**
- c) **Sala de projeção:** local para projeção de vídeos referentes a assuntos oportunos ao museu, ou exposições de artistas que fazem uso deste tipo de multimídia. **Área: 50m²**
- d) **Salas de apoio:** locais para utilização livre do museu, ou para artistas que querem fazer deste local uma área de exposição itinerante de seu trabalho. **Área: 25m²** cada uma
- e) **Sanitários:** sanitários organizados por sexo, para uso do público em geral ou funcionários do museu. **Área: 15m²** cada um
- f) **Estacionamento:** estacionamento para visitantes com vagas exclusivas para funcionários, no total de 80 veículos. **Área: 1200m²**

9.4. Tabela Programa de Necessidades

| SETOR | AMBIENTE | QUANTIDADE | ÁREA UNIT.(m ²) | ÁREA TOT. (m ²) |
|---------------------|-------------------|------------|-----------------------------|-----------------------------|
| PRIVADO | RECEPÇÃO | 1 | 15 | 15 |
| | SALA ESTAR/ESPERA | 1 | 25 | 25 |
| | SALA DIREÇÃO | 1 | 30 | 30 |
| | SALA CURADOR | 1 | 30 | 30 |
| | SALAS ADMINIS. | 3 | 30 | 90 |
| | DOCA | 1 | 50 | 50 |
| | ARMAZ. OBRAS | 1 | 60 | 60 |
| | ATELIÊ REST./MAN. | 1 | 40 | 40 |
| | DEPÓSITO ACERVO | 1 | 1000 | 1000 |
| | DEPÓSITO GERAL | 1 | 30 | 30 |
| | SANITÁRIOS | 2 | 10 | 20 |
| | | | ÁREA TOTAL | 1390 |
| PÚBLICO | HALL | 1 | 100 | 100 |
| | ÁTRIO | 1 | 150 | 150 |
| | INFORM./BILHET. | 1 | 15 | 15 |
| | GUARDA-VOLUMES | 1 | 25 | 25 |
| | LOJA | 1 | 40 | 40 |
| | LIVRARIA | 1 | 80 | 80 |
| | BAR/CAFÉ | 1 | 100 | 100 |
| | SANITÁRIOS | 4 | 15 | 60 |
| | EXPOSIÇÕES | 1 | 2000 | 2000 |
| | | | ÁREA TOTAL | 2570 |
| PÚBLICO/ PRIVADO | FOYER | 1 | 30 | 30 |
| | AUDITÓRIO | 1 | 180 | 180 |
| | SALA DE PROJEÇÃO | 2 | 50 | 100 |
| | SALAS DE APOIO | 3 | 25 | 75 |
| | SANITÁRIOS | 2 | 15 | 30 |
| | ESTACIONAMENTO | 1 | 1200 | 1200 |
| | | | ÁREA TOTAL | 1615 |
| | | | TOTAL | 5575 |

Tabela 9.4.1. - Áreas Totais do Programa de Necessidades

9.5. Organograma Programa de Necessidades

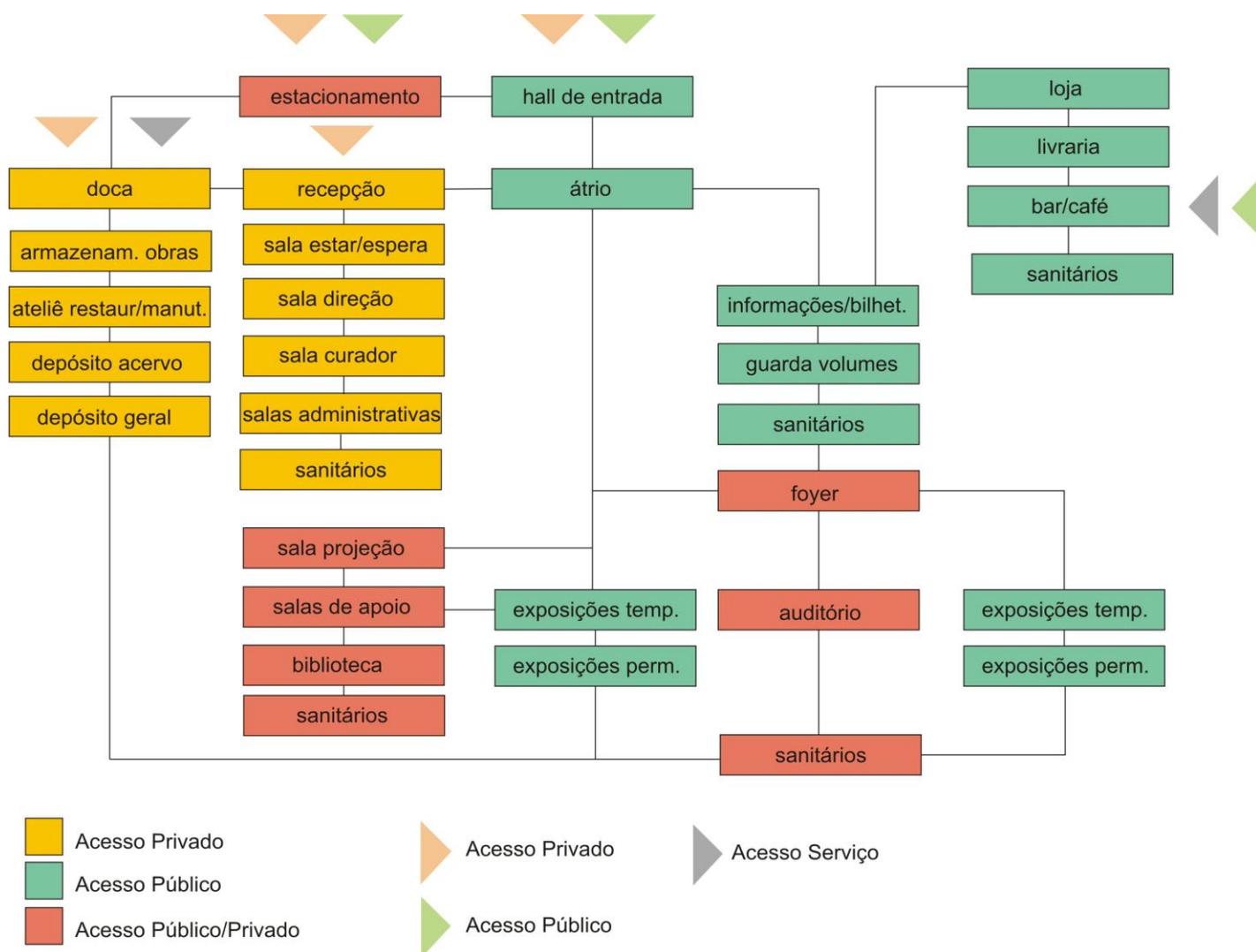


Figura 9.1– Organograma Programa de Necessidades

9.6. Índices do Plano Diretor Aplicados a área do Museu

Com base na área obtida no programa de necessidades sugerido nesta pesquisa foi feito o cálculo dos índices do plano diretor de novo Hamburgo nesta área.

$$\text{TERRENO} = 6000\text{m}^2$$

$$\text{ÁREA TOTAL MUSEU (PROGRAMA DE NECESSIDADES)} = 5575\text{m}^2$$

$$\text{T.O.} = 75\% - 6000\text{m}^2 * 0,75 = 4500\text{m}^2$$

$$\text{I.A.} = 2 - 6000\text{m}^2 * 2 = 12000\text{m}^2$$

Sem limite de altura máxima

Recuo de Ajardinamento = 4

Afastamentos mínimos H/6

Como podemos verificar os índices de T.O. e I.A. possibilitam a implantação do museu com o programa de necessidades sugerido na tabela 9.4

10. CONDICIONANTES MUSEOLÓGICOS

Muitos aspectos devem ser levados em conta quando o assunto é a proteção de obras de arte sob a guarda de um museu, não perdendo o foco de que os museus e seus acervos existem para o desfrute de seus apreciadores e para isso deve-se escolher o melhor sistema de proteção às obras, além de cumprir plenamente sua função de expositores.

10.1 Fatores Nocivos às Obras

10.1.1. Luz

Todo corpo físico com temperatura maior do que zero emite radiação de energia. Determinados comprimentos de onda dessa energia formam o que chamamos de luz visível. À temperatura ambiente os corpos não emitem luz visível, apenas retransmitem em determinadas proporções a luz ou energia produzidas por outros corpos muito mais aquecidos, o sol ou fontes artificiais de luz (FENAME, 1982). Os efeitos da luz visível também devem ser levados em conta, os raios ultravioletas são os maiores inimigos das obras de arte, e precauções devem ser tomadas para evitá-las. (KIEFER, 1998)

LUZ ULTRAVIOLETA – MUITO PREJUDICIAL ÀS CORES

LUZ VISÍVEL – PREJUDICIAL ÀS CORES

LUZ INFRAVERMELHA – QUASE NÃO PREJUDICIAL ÀS CORES

Quanto à reflexão da luz, deve-se cuidar a disposição das luminárias, ou aberturas ao exterior. A luz ambiental, natural, artificial ou associadas, podem ser classificadas como:

Luz Difusa: aconselhada para superfícies lisas, é aquela que não se percebe nenhum foco que denuncia a origem de sua produção. É apropriada para exposição quando não é importante a valorização das três dimensões. (KIEFER, 1998)

Luz Direta: própria para superfícies texturizadas, tem seu foco em origem definível, mas não obrigatoriamente visível, já que um de seus inconvenientes é o ofuscamento. Outro inconveniente é a reflexão não controlada, principalmente quando se tratar de obras protegidas por vidros. Deve-se se preocupar com que os

planos fiquem o mais normais à fonte de iluminação, evitando-se que o olho se adapte a superfícies mais iluminadas e não encontre luz suficiente sobre a obra que quer ver. Esse é o maior problema de museus com janelas para o exterior, onde a iluminação é muito alta. A luz direta deve ser usada em ambientes de pouca iluminação, como forma de minimizar a sensação de penumbra e valorizar a iluminação sobre as obras. (KIEFER, 1998)

10.1.2. Temperatura

O efeito da temperatura ambiente sobre os objetos, se considerarmos as temperaturas ambientes normais, não causam danos importantes. De qualquer forma deve-se ter a noção de que quanto mais elevada for a temperatura mais rápido é o processo de decomposição orgânica dos materiais. As baixas temperaturas são adequadas para estocagem, desde que seja dada especial atenção ao problema da condensação da umidade do ar quando houve troca de ambiente (do acervo para exposição, por exemplo). Outro aspecto importante é não deixar haver oscilação abrupta de temperatura. (KIEFER, 1998)

10.1.3. Umidade

A umidade é sem dúvida a maior dor de cabeça no quesito conservação de obras em um museu. O nível inadequado de umidade relativa do ar, ou a variação constante de seus níveis é extremamente prejudicial às obras. O excesso de umidade causa o amolecimento de colas, empenamento de madeiras, azulamento de vernizes, formação de mofos e bactérias, apodrecimento de telas e corrosão de metais. A falta de umidade pode ocasionar rachaduras, ressecamento além de quebra de fibras.

A forma mais eficiente de controle de umidade em museus, é feita através de desumidificadores de ambiente ou condicionadores de ar com controle de umidade. Pode-se usar também para ambientes pequenos e confinados, a sílica gel, material

inorgânico que tem a propriedade de absorver ou liberar grandes quantidades de umidades. O aquecimento ou resfriamento do ar ambiente é outra forma de controlar a umidade relativa do ar. (KIEFER, 1998)

10.1.4. Poluição

Os elementos nocivos aéreos, considerados como poluentes aos museus, são de dois tipos: poeira ou gasosos. A poeira deve ser evitada por se acumular sobre a superfícies dos objetos, alterando-lhes a cor e a textura e propiciando juntamente com a umidade relativa do ar, o aparecimento de fungos e bactérias. Os efeitos dos gases são muito mais perigosos, O dióxido de enxofre, por exemplo, muito comum em nossas cidades, quando associado ao oxigênio da atmosfera e em seguida à água, transforma-se em ácido sulfúrico, atacando diversos tipos de materiais. Há várias formas de se tratar o ar em um museu. Uma delas é a utilização de filtros com vaporização de água. (KIEFER, 1998)

11. ACERVO DE ARTE DE NOVO HAMBURGO

11.1. Principais Artistas Plásticos de Novo Hamburgo e seus Estilos

Novo Hamburgo é berço de vários artistas plásticos reconhecidos internacionalmente, onde os que mais se destacam são E.F. Scheffel, Marciano Schmitt, Mai Bavoso.

11.1.1. Marciano Schmitt

Cronologia do Artista

1953 – Nasce em Novo Hamburgo o pintor, escultor e professor Marciano Schmitz.

1967 – Inicia sua formação no Instituto de Belas Artes de Novo Hamburgo, sendo este o começo da sua trajetória no estudo, na produção artística em pintura e escultura e na idealização de movimentos culturais na cidade.

1974 – Integrou o primeiro movimento de arte da região, o “Cavalo Azul”, onde criou um centro de pesquisa de arte, dedicado a desenvolver um maior contato com os artistas da região e divulgar os seus trabalhos. Ainda neste ano demonstrou nítida influência do movimento surrealista e da pintura metafísica, explorando o subconsciente, com alguma conotação do mundo social.

1977 – Considerado pelo artista com o “Ano de Ouro”. Integrou o movimento de arte “Casa Velha”, sendo este o início de sua profissionalização. Foi uma nova galeria, que buscava descobrir e estimular a expressão artística. Casou-se com Regina Schneider, com quem vive até hoje. Formou-se no Instituto de Belas Artes de Novo Hamburgo.

1978 – Passou a manifestar em suas obras o caráter social com inclinação para o monumentalismo e muralismo. Também procurou enaltecer o espírito provinciano. O Monumento à Bíblia, no Parque Floresta Imperial, em Novo Hamburgo, é deste período.

1980 – Voltou sua forma de expressão ao muralismo sacro, em que faz uma junção da impressão e do dogma religioso.

1982 – Criou a fachada escultórica do Teatro Paschoal Carlos Magno, em Novo Hamburgo.

1986 – Produziu os dois painéis da Catedral São Luiz, em Novo Hamburgo, sendo esta, até então, a maior obra de Marciano em tela, resultado de uma pesquisa sobre a vida dos santos. Foi sua primeira pintura sacra.

1990 – Focou em temas domésticos e paisagísticos, com necessidade de olhar para lugares onde gosta de estar.

1993 – Em Florença, Itália, aprimorou seus conhecimentos artísticos, na área da História da Arte.

2000 – Pintou o céu permanentemente azul do Cidade Shopping, em Campo Bom, O tom e as nuvens iluminam e mantém viva a praça temática do local.

2001 – Voltou à Catedral Basílica na maior obra em dimensão já projetada pelo artista. No arco frontal superior estão Moisés e os Dez Mandamentos.

2007 – A mostra “Estética do Tempo”, realizada no Espaço Cultural Albano Hartz, em Novo Hamburgo, comemorou os trinta anos de fundação da “Casa Velha”.

2010 – A exposição “Acesso”, realizada no Espaço Cultural Albano Hartz, em Novo Hamburgo, marcou o lançamento do site de Marciano.

Em algum tempo, em algum lugar, um homem narrou numa caverna um feito seu. Apenas uma cena cotidiana, uma cena de caça. Este feito o fez parar o mundo. Agora havia uma fenda, uma porta havia sido aberta. O mundo vivido e o mundo narrado, a magia havia começado, o poder estava instalado. O poder da imagem. Com a imagem veio a linguagem do que chamamos alma. Veio a captura das realidades, a captura do tempo. O atrito desses dois mundos gerou o discurso, a introspecção, gerou arte. Arte, palavra usada para definir conhecimento.

Em algum tempo, em algum lugar, um homem vivia imerso num oceano de imagens. Eram tantas como tantos eram os homens. O poder da imagem sofreu um colapso, dizer tudo, a toda hora em todo o lugar. As máquinas aprenderam a fazer imagens em processo exponencial e a porta dos dois mundos entupiu. A imagem não discursava mais, apenas vendia o cotidiano e a alma ficou descartável, aterrada em algum lixo. A tecnologia nos venderia uma nova na segunda-feira.

Em algum tempo, em algum lugar, um homem veio ao campo, ouviu o vento, viu nuvens, que mais pareciam montanhas flutuantes. Viu o traço do voo de um pássaro solitário, o sol dividido em dois pelo horizonte, o latido de

um cão à distância. No pé do ouvido, o vento lhe narrou imagens e lhe falou sobre atemporalidade. Munido de vontade, pegou pincéis e começou a pintar novamente a porta.

(Texto retirado do website oficial de Marciano Schmitt)



Figura 11.1. – Conflito entra a razão e o Atavismo

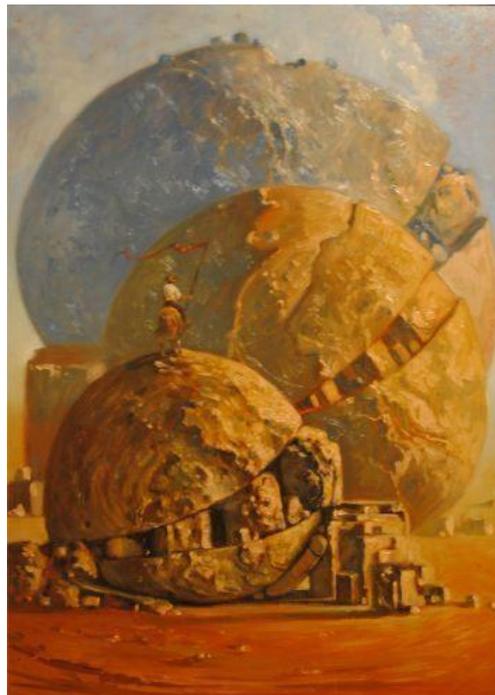


Figura 11.2. - Esferas



Figura 11.3. – Noite Azul



Figura 11.4. - Pássaros

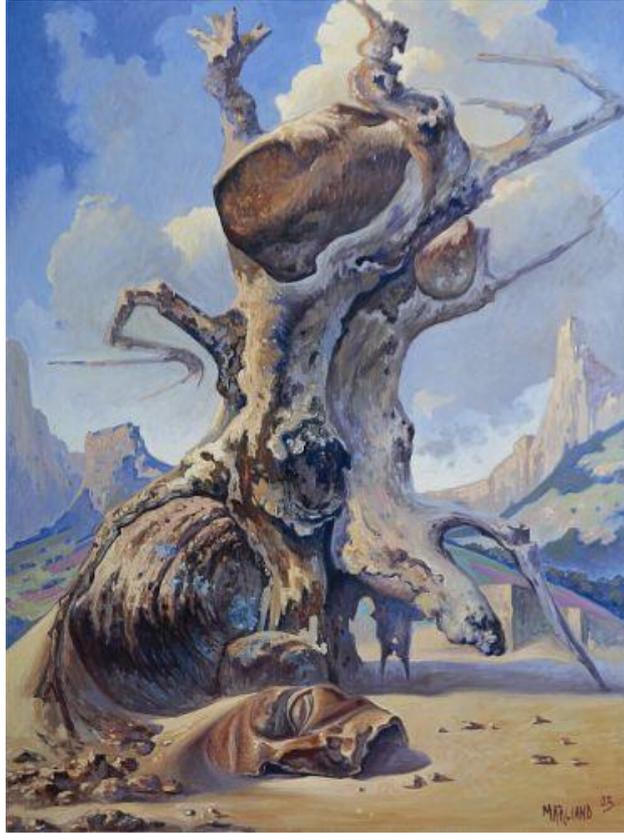


Figura 11.5. – Raiz com Pedra



Figura 11.6. - Corujas

11.1.2. Ernest Frederico Scheffel

Ernesto Frederico Scheffel (Campo Bom, 8 de outubro de 1927) é um pintor brasileiro. É descendente de imigrantes alemães, oriundos de Berghausen, na Vestfália. Aos oito anos de idade sua família mudou-se para o bairro Hamburgo Velho, em Novo Hamburgo, onde recebeu as primeiras noções de pintura a óleo sobre madeira. Em 1941 iniciou os estudos na Escola Técnica de Parobé, como aluno interno e bolsista, e no Instituto de Belas Artes, em Porto Alegre, tendo sido aluno de João Fahrion. Em 1948 participou do II Salão Militar de Artes Plásticas, no Clube Militar do Rio de Janeiro, onde expôs 15 trabalhos. Em 1950 viajou para o Rio de Janeiro, com bolsa de estudos por seis meses, mas acabou permanecendo por oito anos. Em 1959, Scheffel viajou à Florença, na Itália. Quando retornou a Novo Hamburgo, teve problemas para trazer suas obras, por este motivo a prefeitura municipal instituiu em 4 de outubro de 1979, através do decreto legislativo 236/79, a Fundação Ernesto Frederico Scheffel, com autonomia jurídica e administrativa. Na fundação, suas obras estão em exposição permanente. O acervo é composto de 385 obras. Atualmente Scheffel reside na província de Lucca, a 118 quilômetros de Florença, na Itália. (Scheffel, 2010)



Figura 11.7. Quadros de Ernest Scheffel expostos na fundação Scheffel



Figura 11.8. – Quadros de Ernest Scheffel expostos na fundação Scheffel



Figura 11.9. – Quadros de Ernest Scheffel expostos na fundação Scheffel



Figura 11.10. – Obra de Ernest Scheffel exposta na Fundação Scheffel



Figura 11.11. – Jardim externo da Fundação Scheffel.

Este é o local preferido do artista quando se encontra em Novo Hamburgo e também é usado para recitais de música clássica.

11.1.3. Mai Bavoso

“Bons artistas copiam. Grandes artistas roubam”.

A frase acima, atribuída a Pablo Picasso, é algo para se pensar. O artista plástico Mai Bavoso - natural de Jundiaí (SP) e radicado desde 1983 em Novo Hamburgo (RS) – é um grande artista.

Explico: em suas telas multicoloridas pela mistura frenética de tinta acrílica com um talento indiscutível, Bavoso trata de roubar a realidade de si mesma, reconstruindo-a de forma que ganhe uma estética a qual consegue informar sem ser banal e traduzir o contemporâneo sem ser ininteligível ao público médio.

Hoje, com 39 anos, o pintor está prestes a completar 25 anos de empenho pela arte. “Costumo brincar dizendo que, no ano que vem vou fazer uma festa de bodas de prata com a pintura”, diz. A primeira tela aconteceu quando tinha 14 anos de idade. Depois, com todo o seu talento, Bavoso não tardou a se profissionalizar na área.

“Comecei a fazer decoração de festas, murais para Carnaval. Até hoje, meu negócio é mural”, conta o artista que foi notícia há pouco tempo por ter feito o maior mural do Rio Grande do Sul.

Apesar disso, Mai Bavoso participa de outras diferentes formas do circuito artístico. Possui um atelier situado em uma chácara nos arredores de Novo Hamburgo, onde pinta suas telas sossegado. Também realiza um trabalho muito interessante com uma turma de excepcionais, aos quais ensina as técnicas da pintura.

Esse trabalho é absolutamente voluntário, uma vez que não só é feito sem ganhos financeiros, como também envolve toda uma satisfação em fazer esse pessoal produzir arte.

“Vi que eles gostavam de arte tanto quanto eu e resolvi colaborar. Não se trata de terapia ocupacional, nada disso – o que eles fazem é produção efetiva de quadros”, explica Bavoso. A turminha parece corresponder a toda essa expectativa, uma vez que já conquistou seis prêmios nacionais com seus trabalhos.

O artista plástico também já trabalhou bastante na área das artes gráficas. No início dos anos 90, chegou a ficar cinco anos sendo o responsável por toda a

imagem da marca de surf Mormaii. Logotipia, painéis para as lojas e estampas de camisetas eram todos feitos por Bavoso, o qual orgulha-se de ter criado uma bela coleção especial sobre a Eco-92 para a grife. (Mai Bavoso, 2010)



Figura 11.12. – Mai em seu atelier



Figura 11.13. – Óleo sobre tela de Mai Bavoso, 1997, atualmente na recepção da Grafdil em Dois Irmãos.

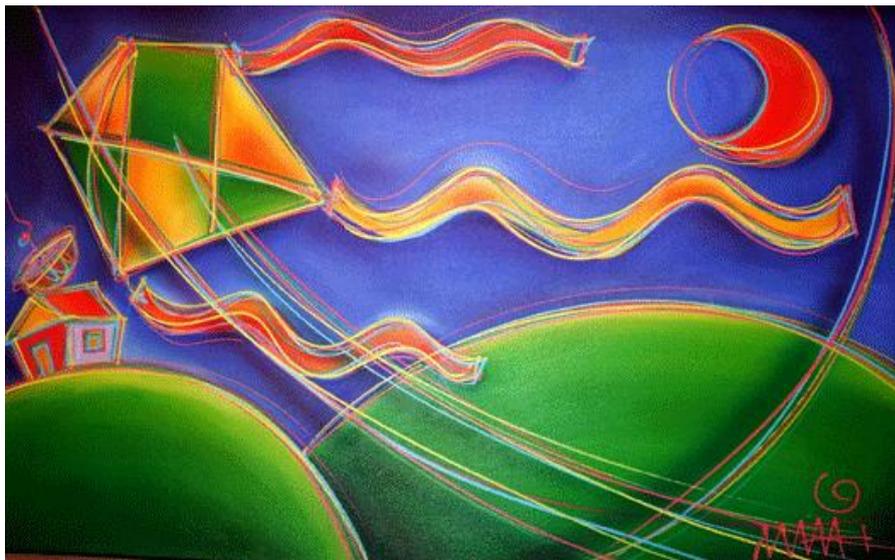


Figura 11.14. – Mai Bavoso Óleo sobre tela 600 x 100 (Mai Bavoso, 2010).



Figura 11.15. – Óleo sobre tela 600 x 1500 (Mai Bavoso, 2010).



Figura 11.16. – Óleo sobre tela 600 x 1500 (Mai Bavoso, 2010).

CONCLUSÃO

Com base na análise dos dados recolhidos ao longo dessa pesquisa, através de observações, conversas e visitas, chegou-se a conclusão que Novo Hamburgo por ser uma cidade em constante desenvolvimento e evolução, ainda existe uma parte histórica da cidade que esta intacta e esperando sua chance de mostrar e contribuir com todo seu valor histórico e ambiental, o espaço urbano de Novo Hamburgo. Esta parte é o Parque Henrique Luis Roessler que atualmente encontra-se em estado de abandono, porém com perspectivas de uma grande revitalização organizada pela Prefeitura de Novo Hamburgo, que proporcionará assim, um local ideal para implantação de um novo Museu de Arte para a cidade.

Também foi constatado que a cidade tem carência de uma edificação desse estilo. Com uma abordagem mais contemporânea e mais adequada as ideologias dos museus do século XXI. Os espaços existentes para esse fim hoje na cidade, não apresentam local para confraternização como um lounge ou café. Nenhum deles conta com um auditório, e tão pouco, lojas ou salas de oficinas, ou seja, nenhum desses espaços servem como um marco significativo para a cidade, com exceção da Fundação Scheffel que tem seu valor reconhecido pela importância histórica do prédio e pelo acervo do Sr. Ernest Scheffel.

Outro aspecto positivo para implantação do museu de arte no Parcão seria contribuir para a revitalização desse local e incentivar a constante visita da população ao parque e conseqüentemente ao museu, tornando o local propício para confraternização das famílias hamburguenses, e remetendo-nos aos primórdios da utilização do parque quando ainda era chamado de Campo dos Schmitt.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCOWEB. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/>> Acesso em: 05 dez. 2010.

BAVOSO, Mai – Site Oficial do Artista. Disponível em: <<http://www.canalcontemporaneo.art.br/quebra/archives/001168.html>> Acesso em: 2 nov. 2010.

DANTAS, Arq. Ms .Carlos Alberto Felipe Albuquerque. Artigo de 2007. **Museus Contemporâneos: A construção do Lugar no Espaço Cidade**. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fau/pos_graduacao/paranoa/edicao2005/museus/museus_contemporaneos.pdf> Acesso em: 02 mai. 2010.

GOOGLE EARTH. Novo Hamburgo. Imagem satélite, color. Escala indeterminada. Disponível em: <<http://earth.google.com.br/index.html>>. Acesso em: 28 outubro. 2010.

KIEFER, Flávio. **Paradigmas Brasileiros na Arquitetura de Museus**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, junho de 1998. Disponível em: https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=gmail&attid=0.1&thid=12cdd2c035d9b440&mt=application/pdf&url=https://mail.google.com/mail/?ui%3D2%26ik%3D7cdf3ce2ba%26view%3Datt%26th%3D12cdd2c035d9b440%26attid%3D0.1%26disp%3Dattd%26zw&sig=AHIEtbSbw8e8TIKLtDXB70yGQb_k6gokbg&pli=1> Acesso em 10 de dez. 2010.

KIEFER, Flavio. **Fundação Ibere Camargo**. Publicado em São Paulo em 2008

MONTANER. Josep Maria. **Museus para El Nuevo Siglo**. Publicado em Barcelona 1995.

MONTANER. Josep Maria. **Museus para o Século XXI**. Publicado em Barcelona 2003.

MONTANER. Josep Maria. **Depois do Movimento Moderno**. Publicado em Barcelona 2009

NEWHOUSE, Victoria. **Towards a New Museum**. Publicado nos Estados Unidos em 1998.

PREFEITURA municipal de Novo Hamburgo a – **Plano de Manejo do Parque Municipal Henrique Luis Roessler. Encarte I. Contextualização da unidade de conservação**. Publicado em Novo Hamburgo em 2010.

PREFEITURA Municipal de Novo Hamburgo b – **Plano de Manejo do Parque Municipal Henrique Luis Roessler. Encarte II. Analise Ambiental Regional**. Publicado em Novo Hamburgo em 2010.

PREFEITURA Municipal de Novo Hamburgo c – **Plano de Manejo do Parque Municipal Henrique Luis Roessler. Encarte III. Analise da unidade de conservação**. Publicado em Novo Hamburgo em 2010.

PETRY, Leopoldo. **O município de Novo Hamburgo: monografia**. 2. ed. São Leopoldo, RS: Rotermond, 1959. 167 p.

REIS. Arq. Ms. Antônio Tarcísio. 7º Seminário Docomomo em Porto Alegre em outubro de 2007. **O Guggenheim de Franck Lloyd Wright e a adição de Gwathmey Siegel: Moderno Moderno**. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%207%20pdfs/007.pdf>> Acesso em: 03 dez. 2010

SCHEFFEL, **Fundação Erneste Scheffel**- Site Oficial da instituição Disponível em: <<http://www.canalcontemporaneo.art.br/quebra/archives/001168.html>> Acesso em: 2 nov. 2010.

TRIGUEIROS, Luiz. **Álvaro Siza**. Publicado em Lisboa em 1995.

ANEXO 1
Reportagem Jornal NH sobre negociações no Parcão



Reportagem Jornal NH de 12 de maio. de 1986 - capa.
Começam as negociações para Novo Haburgo ter um parque de 52 hectares.
(PMNH, 2009 A)

ANEXO 2
Reportagem Jornal NH sobre negociações no Parcão



Reportagem Jornal NH de 05 de jun. de 1986 – pg, 19.

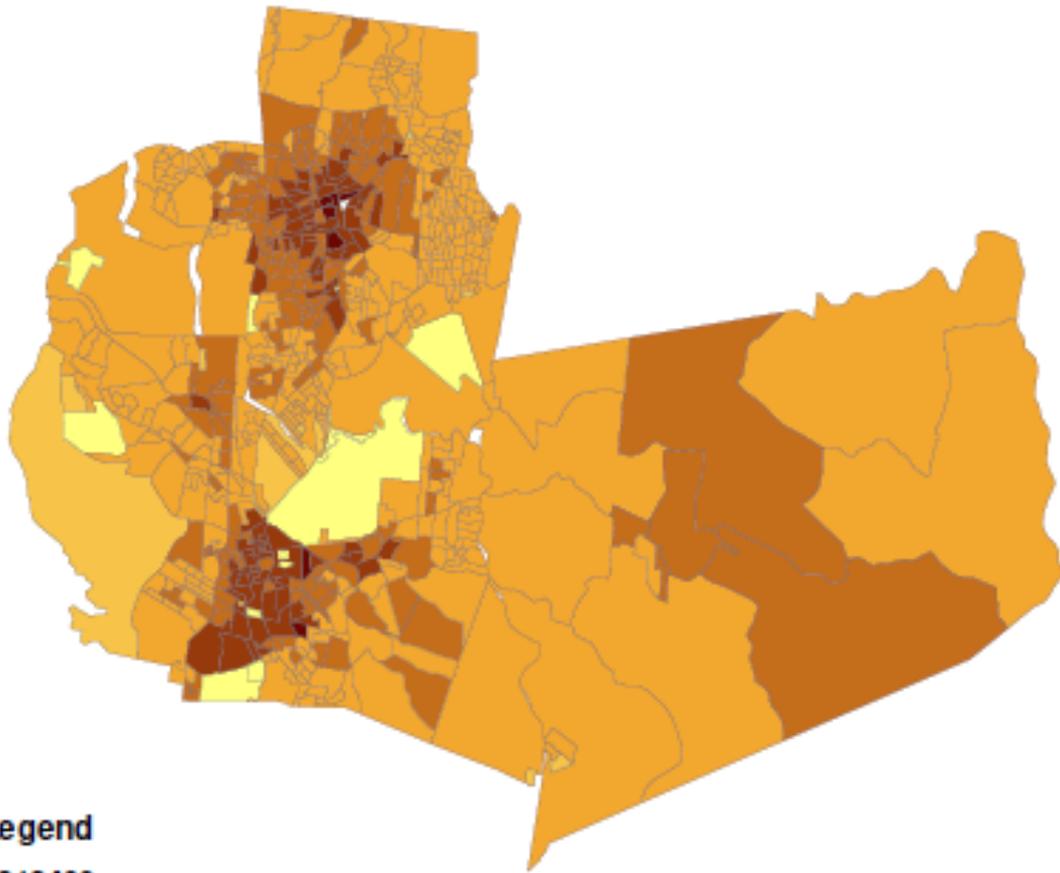
Sábado tem caminhada para conhecer o futuro parque de Novo Hamburgo.

(PMNH, 2009 A)

APÊNDICE A

Mapa de Renda por habitante de Novo Hamburgo

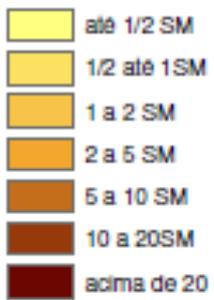
RENDA



Legend

4313409

VAR06



0 1.100 2.200 4.400 6.600 8.800
Meters